

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica

Área de Concentração: Educação, Diversidade e intersectorialidade

Carla Soares Lopes Silva

Formando para a Diversidade: Escola de Pais na Educação Infantil

Belo Horizonte

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação

Carla Soares Lopes Silva

Formando para a Diversidade: Escola de Pais na Educação Infantil

Trabalho final de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Educação, Diversidade e Intersetorialidades.

Orientador: Dr. Juarez Melgaço Valadares

Belo Horizonte

2019

S586f

Silva, Carla Soares Lopes, 1960 -

Formando para a diversidade [manuscrito]: escola de pais da educação infantil / Carla Soares Lopes Silva. - Belo Horizonte, 2019. 82 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Juarez Melgaço Valadares

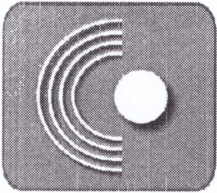
1. Educação – participação dos pais. 2. Educação de adultos. 3. Lar e escola. 4. Educação - Relações étnicas. 5. Educação – Relações raciais. 6. Educação de crianças.

I. Título. II. Valadares, Juarez Melgaço. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

Catálogo na Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG

Bibliotecário: Moema Brandao da Silva. CRB6 1581 (Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica†.)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

**ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO QUINQUAGÉSIMO SEGUNDO TRABALHO FINAL
DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO : EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE**

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “**Formando para a diversidade: Escola de Pais na Educação Infantil.**”, do(a) aluno(a) **Carla Soares Lopes Silva**”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Juarez Melgaço Valadares (orientador) e Márcia Basília de Araújo. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 92, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Carla Soares Lopes Silva
Carla Soares Lopes Silva

Registro na UFMG: 2018750520

Juarez Melgaço Valadares
Professor(a) Orientador(a)

Márcia Basília de Araújo
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Dedico este trabalho às crianças e suas famílias que sofrem pelo descaso e inferiorização devido à sua cor de pele e traços negroides. A elas todo o meu respeito, dedicação e compromisso de luta e resistência.

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno, pela vida, saúde, disposição e sabedoria dispensadas a mim nessa caminhada da diversidade.

À minha família, pela compreensão nas horas do meu stress.

Ao Fred, meu companheiro de luta, pelo apoio e amor.

À escola de Educação Infantil, juntamente com suas famílias, onde pude fazer novas descobertas.

À direção e coordenação da EMEI Manacás, pela confiança e apoio.

A todos do LASEB, pelos aprendizados, em especial a meu orientador, Juarez Melgaço, pela paciência, pelo tempo e compartilhamento de saberes.

Aos meus colegas de turma, onde aprendi a práxis da liberdade e o não silenciamento diante do preconceito e das discriminações raciais.

“Os educadores têm que reconhecer que qualquer esforço para transformar instituições de maneira a refletir um ponto de vista multicultural deve levar em consideração o medo dos professores quando se lhes pedem que mudem de paradigma.”

(Bell Hooks, 2019, p. 51,52)

RESUMO

Atualmente, percebemos, no cotidiano de nossas escolas, o aumento de atitudes racistas e discriminatórias entre os vários segmentos da comunidade escolar. Tais situações tornam-se desafiadoras, tanto para os profissionais da educação quanto para as crianças e suas famílias. Um desses desafios é de como as famílias preparam suas crianças para enfrentarem as diferenças e preconceitos existentes de forma tranquila e significativa para elas. Os problemas relacionados à diversidade étnico-racial nunca foram abordados de maneira consistente na instituição onde eu atuo. Sendo assim, com um espírito formador e uma escuta atenta, eu, juntamente com a direção de uma escola de educação infantil, decidi criar uma Escola de Pais, de maneira a fomentar mecanismos para enfrentar o aumento da intolerância no ambiente escolar, criando uma postura afirmativa em relação às diferenças. O objetivo desse trabalho é a criação de um espaço para a formação dos pais gerando um novo olhar sobre as diferenças, não no sentido de um apagamento, mas tornando-as reconhecidas e valorizadas. Introduzir periodicamente discussões sobre as relações étnico-raciais, tendo como enquadramento a história e a cultura do povo africano, pode nos impulsionar a mudanças importantes no que diz respeito ao reconhecimento da diversidade. Para tanto, foram criados fóruns de discussão, rodas de conversas, palestras e debates sobre o tema, para sensibilização e valorização de todos. Esperamos contribuir com as famílias para uma maior compreensão da importância da luta contra o racismo em todos os espaços da sociedade.

Palavras Chave: Diversidade, Escola e Família, Preconceito Racial, Discriminação, Relações Étnico-Raciais.

ABSTRACT

We have currently observed in the day-to-day activities in our schools the increase of racist and discriminatory attitudes among the different segments of the school community. This is a challenging situation, not only for the education staff, but also for the children and their families. One of these challenges is how the families help their children face differences and prejudice in a significant and confident way. The problems related to racial and ethnic diversity have never been dealt with in a consistent way at educational institution where I work. Thus, from a teaching spirit and an attentive listening, I, together with the pre-school leadership, decided to establish a 'School of Parents', in order to foster mechanisms to face the increase of intolerance at the school environment, building up an affirmative attitude towards those differences. The objective of this work is to establish an arena to build the parents' capacity, in order to produce a new view on the differences, not in the sense of erasing them, but rather making them acknowledged and valued. Introducing from time to time discussions about racial and ethnic relationships, having the history and culture of the African people as a frame, may boost important changes concerning recognizing diversity. For this purpose, discussion forums, round-table discussions, lectures, and debates about the theme were implemented, to raise awareness and to value all parties involved. We trust we can help the families get a greater understanding of the importance of fighting against racism in all areas of our society.

Key words: Diversity, School and Family, Racial Prejudice, Discrimination, Racial and Ethnic Relationships.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Famílias participantes da primeira reunião	27
Figura 2: Diretora da escola introduzindo a intervenção	27
Figura 3: A hora do filme	28
Figura 4: Uma conversa sobre a diversidade	32
Figura 5: Palestrante fala sobre o Bullying	38
Figura 6: Livro lido na reunião	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMEI – ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

SMED/PBH – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE

EPPIR – EDUCAÇÃO EM POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL NA ESCOLA

LASEB – LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

FAE/UFMG – FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

RCNEI – REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

DCNEI – DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

CME/BH -CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE

ECA – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1. A CRIANÇA E AS DIRETRIZES EDUCACIONAIS	11
1.2. JUSTIFICATIVA	12
1.3. CONHECENDO O LOCAL DE ATUAÇÃO	13
1.4. CAMINHO DE NOVOS APRENDIZADOS.....	14
2. PROBLEMA/OBJETO.....	17
2.1. CONSTRUINDO UM PROJETO DE INTERVENÇÃO	17
3. OBJETIVOS	19
3.1. GERAL	19
3.2. ESPECÍFICOS.....	19
4. CONCEITOS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	20
5. METODOLOGIA.....	25
6. ANÁLISE DOS DADOS.....	27
6.1. RESGATANDO AS MEMÓRIAS.....	28
6.2. DIVERSIDADE.....	32
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	53

1. INTRODUÇÃO

1.1. A criança e as diretrizes educacionais

Na sociedade em que vivemos torna-se cada dia mais importante tratar da diversidade. Não somos iguais. As diferenças existem. Elas estão em todas as partes. É necessário reconhecê-las, identifica-las e valorizá-las. Cada um possui características físicas, valores, crenças, religião, hábitos e costumes distintos. É imprescindível que a aceitação e o respeito às diferenças sejam trabalhados nas práticas pedagógicas desde a Educação Infantil, como é evidenciado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI 1998), com os avanços registrados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI 2010), uma vez que estas colocam a criança no centro da aprendizagem, além de já fazerem referências à necessidade de assegurar às crianças “o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação delas com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação”. (BRASIL, 2010, p. 21). Do mesmo modo o Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte (CME/BH,1996), que é órgão público consultivo, deliberativo e exerce ainda função normativa, atuando como instância de consolidação do processo de gestão democrática. Ambos são direcionados pelos princípios de igualdade, equidade, liberdade, diversidade e pluralidade.

Na sociedade brasileira, a Educação Infantil é um direito institucionalizado desde 1988 no artigo 208, inciso IV da Constituição Federal que reconheceu o direito à educação para crianças menores de sete anos de idade, favorecendo as famílias de baixa renda, cujas mães podem trabalhar deixando seus filhos em creches e em Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI), construídas para esse fim.

Também em defesa das crianças e adolescentes existe o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/91), que lhes assegura:

Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (incluído pela Lei nº 13.257, de 2016)

[...] o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas Leis; [...] direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho [...]. Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; direito a ser respeitado por seus educadores; e ter respeitado os valores culturais, artísticos e históricos próprios no contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96), modificada pela Lei Federal nº 12.796/2013, no artigo 29 define:

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade.

Não podemos deixar de mencionar a Lei 10.639/03, que tem o propósito de estabelecer a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana desde a educação infantil, incluindo a temática na agenda de discussões e aprendizados da escola.

1.2. Justificativa

Acredito que as experiências e vivências na escola ajudam na socialização com pessoas diferentes da sua família, auxiliando a criança a ver outras possibilidades de leitura do mundo, fazendo com que a vida na escola seja um espaço importante para o seu desenvolvimento, suas experiências e interações.

Foi observando as crianças em suas brincadeiras e aprendizados que percebi o preconceito e a discriminação racial que acontecem no cotidiano escolar. Presenciei situações de falas das crianças na escola que refletem bem esses momentos: *“Não quero parecer com ele porque ele é preto.” “É bonitinha, mas é negra.” “O cabelo é ruim, duro e feio.” “Quando eu crescer meu cabelo vai ficar grande e balançar.” “Ela deveria pentear o cabelo antes de vir para a escola. O cabelo dela tá feio.” “O cabelo é ruim”*

Essas são falas de crianças de quatro anos, que refletem bem os desafios da diversidade cognitiva e cultural geradas no espaço da escola. E são só alguns dos dilemas sofridos pelas crianças por causa das diferenças. Muitas dessas crianças sofrem por não saber como se defender ou mesmo dar respostas para quem as ofendeu. Elas sentem na pele

toda essa discriminação. E muitas revidam e agridem as demais crianças por serem chamadas de feias. Em muitas situações elas não reagem, se silenciam. Muitas vezes as professoras fingem não ver ou preferem ficar à margem da situação. As famílias também sofrem com essa situação, pois têm dificuldade de ensinar às suas crianças em meio à diversidade. O preconceito deixa, desde muito cedo, marcas profundas que causam tristeza nas crianças e em suas famílias.

Um outro determinante para a minha escolha foi que pouco se fala sobre as crianças com suas famílias, as relações multiétnicas, os ensinamentos e desafios dentro de casa. Eu também percebi a dificuldade de ensinar sobre uma identidade positiva, trabalhando na criança o lugar de ser bem-vindo e aceito no grupo, independente de como ela é.

Temos consciência de que o silêncio também incomoda e faz com que o preconceito e a discriminação racial cresçam na sociedade. As experiências em sala de aula, de fato, não estão alheias ao racismo, ao preconceito racial, à criação de estereótipos. Essas atitudes estão presentes na escola e em muitos outros espaços da sociedade. (CAVALLEIRO, 2018).

Faço aqui algumas indagações: Como dar às famílias suporte para (re)conhecerem quem são, de onde vieram, seu passado e memórias? Como recuperar as falas, tão silenciadas após tanto tempo? O que é preciso fazer para valorizar as diferenças no desenvolvimento social? Como ensinar as famílias que cada uma delas é importante e especial?

1.3. Conhecendo o local de atuação

A EMEI onde eu atuo com crianças de zero a cinco anos de idade, está localizada na divisa dos bairros Manacás e Jardim Alvorada, em Belo Horizonte, MG. A escola recebe também crianças dos bairros Paquetá, Ouro Preto, Caiçara, Vila São José, Jardim Montanhês e adjacências. O bairro Jardim Montanhês possui carências, sendo uma região de contrastes econômicos. A EMEI recebe algumas crianças oriundas de classe média, principalmente dos bairros Castelo e Alípio de Melo. Um fato que merece atenção é a crise de desemprego que se manifestou nos anos recentes, quando muitas famílias

retiraram suas crianças das escolas particulares, ocasionando uma maior procura por vagas em escolas públicas.

Na EMEI Manacás eu percebo um grande desafio, que são as relações raciais vivenciadas no contexto escolar. Desafio este que alcança também as famílias dessas crianças que lidam diariamente com a situação de racismo, preconceito racial, falas estereotipadas, trazendo tristeza e desilusão para os envolvidos.

1.4. Caminho de novos aprendizados

Em 2017 tive a oportunidade de participar de uma formação realizada pela Gerência de Relações Étnico-Raciais da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED). Foi onde tudo começou. Os meus olhos foram abertos, a minha vida foi sensibilizada pelo desafio de ver a diversidade. Eu saí da minha zona de conforto, com novas oportunidades de melhorar as minhas práticas no cotidiano escolar, com diferentes estratégias e metodologias de trabalho com as crianças em relação ao tema de relações étnico-raciais. Por causa dos dilemas sofridos pelas crianças da educação infantil em relação à sua cor, tipo de cabelo, traços negroides, formato do nariz e boca e falas demonstrando intolerância, discriminação, violência, que contrariam o efetivo desenvolvimento humano com autonomia e cidadania plenas, fui impulsionada a me posicionar frente ao desafio da promoção da igualdade racial na vida e na escola.

Aprender a acolher a diversidade me ajudou a ter clareza de que ela faz parte da nossa vida. Naquele ano o projeto institucional da escola foi “Diversidade na Educação Infantil” e tive a oportunidade de explorar o tema da diversidade com todas as crianças da escola, aprendendo com elas um pouco sobre a história do continente Africano, a sua localização, hábitos e costumes, descobrindo nesse tempo um pouco mais da história do povo negro e a sua contribuição à nossa cultura e não somente mencionando a escravidão.

Em 2018 continuei com meus estudos, participando de um curso na Universidade Federal de Minas Gerais, (UFMG), Educação em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola (EPPIR), que aprofundou meus conhecimentos sobre a diversidade e as políticas de promoção da igualdade racial na escola. Foi onde aprendi leis que me

ajudaram a ter argumentos consistentes para uma discussão equilibrada e saudável, entendendo que a luta é difícil, complexa, mas importante e possível.

Ainda em 2018 comecei uma Pós-Graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica (LASEB), mediante convênio estabelecido entre a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte (SMED/PBH) e a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), com o objetivo de aprofundar os estudos sobre as práticas escolares, estimulando a articulação e o diálogo sobre os desafios da realidade escolar brasileira. A temática escolhida foi Educação, Diversidade e Intersetorialidades, tratando da igualdade e equidade nas diferenças e sua articulação com as políticas públicas. É um desafio diário. Um processo de vida com novos aprendizados e práticas pedagógicas.

Foi assim, fazendo cursos e estudando leis que falam sobre a diversidade, que percebi que as crianças e suas famílias precisavam de ajuda. Essas famílias, que muitas vezes não sabem como falar e agir, precisam se fortalecer para ensinar suas crianças a serem bem resolvidas na escola, com atitudes positivas e autoestima elevada. As dificuldades para tratar desses temas em sala de aula são reais. Para que a escola e a sociedade cumpram o papel na superação da discriminação e do racismo, não basta apenas falar sobre o assunto ou denunciar a sua prática. Mesmo sendo difícil e complexo, percebi que esse tema é um mobilizador de força, que me impulsionou na reflexão sobre a necessidade da sua releitura no campo educacional.

A ausência de uma discussão antirracista, ou seja, o não falar sobre o preconceito e a discriminação racial, é mais fácil e cômoda, mas impede a promoção da igualdade entre os profissionais da educação, as crianças e suas famílias. Quando enfrentamos esses problemas, dando oportunidade de fala para os pais, encontramos oportunidades diferentes para todos se sentirem aceitos, respeitados e positivamente participantes das atividades desenvolvidas diariamente na escola. (SANTANA, 2010)

Enfim, são muitos os desafios que precisamos enfrentar quando falamos de igualdade nas relações raciais, como conhecer a diversidade envolvendo as crianças e suas famílias, unir forças, incorporar e problematizar as experiências dos envolvidos. A nossa tarefa é possibilitar vivências mais respeitadas, antirracistas e a criação de espaços para

o crescimento saudável das crianças, com uma escuta atenta para entender melhor as diferenças e suas implicações.

Mas como trabalhar juntos se não conhecemos as famílias das nossas crianças? Para o desenvolvimento do nosso trabalho como profissionais da educação, precisamos das famílias como parceiras e apoiadoras. Elas são muito importantes. “Escola e família juntas, representam a possibilidade da transformação do pensamento sobre a realidade social construída sob ideologias, como o mito da democracia racial”. (CAVALLEIRO, 2018, p.13).

É fundamental envolver as famílias nos projetos, ações, diálogos e discussões políticas e pedagógicas, para a existência de práticas que nos instigam a refletir, a sentir, a agir, a reagir, a criar e a recriar. Um relacionamento baseado no amor e na humildade. Conviver dia a dia com as crianças significa conviver com suas famílias. Precisamos estreitar os laços para uma parceria com significados. Desse modo vamos perceber a valorização da diversidade, pressupondo um convívio respeitoso no trabalho educativo com as crianças. Diálogos construídos através de experiências de vida visando o consenso em meio a diversidade serão mais produtivos.

Nilma Lino Gomes (1995) menciona que é preciso haver diálogo. O Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa – Michaelis, registra que “diálogo é uma conversa, uma fala interativa entre as pessoas, é uma troca de ideias, uma discussão que busca acordo entre as partes.”

Paulo Freire (2005) diz que o diálogo é o encontro dos homens onde eles ganham significação em suas relações. Ele diz que não é possível haver diálogo sem amor e humildade e completa dizendo que, quando o diálogo é fundado no amor, na fé nos homens e na humildade, ele se constrói numa relação horizontal, em que a confiança de um para com os outros é uma consequência óbvia. A confiança vai fazendo cada sujeito dialógico e cada vez mais companheiros. Quando Paulo Freire nos ensina sobre diálogo, ele está nos dizendo que o conflito vai existir. Por isso ele reforça o amor e a humildade, para que haja um espaço de liberdade e crescimento mútuo.

2. PROBLEMA/OBJETO

Onde as crianças aprenderam atitudes de discriminação com os diferentes? E como a escola pode ajudar as famílias nas relações com os outros diante da diversidade? Qual o tipo de cidadão está sendo formado nas escolas? A partir da constatação de preconceitos e discriminações entre as crianças é que decidi criar um espaço onde se pudesse discutir e refletir sobre as nossas indagações. Um espaço com palestras, encontros, vídeos, rodas de conversas. O objetivo era se ter um lugar onde a fala viesse sem pressão, resgatando passados e memórias, falando sobre os problemas e os dramas vividos pelas famílias e por suas crianças, aprendendo um pouco mais sobre a diversidade e suas implicações.

2.1. Construindo um projeto de intervenção

Quando pensamos na Educação Infantil, nas crianças e suas famílias que buscam interação, aceitação e querem seus espaços preservados como cidadãos participantes e atuantes no mundo, percebemos o quanto é necessário cuidarmos dos seus interesses.

É importante ressaltar que, valorizar a diversidade não pressupõe tratar todos como iguais. Pressupõe o reconhecimento da diferença e seu acolhimento na perspectiva de respeito e valorização de cada sujeito, cada comunidade, cada cultura com suas características e modos de ser, sem juízo de valor ou hierarquização. Identificar e explicitar as discriminações existentes nas relações sociais e culturais constituem-se como ação afirmativa necessária para que se interrompa a realidade injusta e excludente que ainda existe na sociedade.

No Projeto Político Pedagógico (PPP), que é o documento oficial da escola, não há menção a esse tópico. A Coordenação da EMEI Manacás, por sua vez, deu todo apoio, abrindo a escola para encontros de pais e responsáveis, com o desafio de diálogos sobre igualdade nas relações étnico-raciais na educação infantil. É importante que olhemos esse desafio de frente, se pretendemos construir uma educação “pautada na esperança de um mundo mais justo e fraterno.” (SANTANA, 2010, p.21)

“Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.”
(FREIRE, 2009, pag.35). Paulo Freire nos ensina que devemos estar abertos ao novo,
rejeitando qualquer forma de diferença, ultraje ao ser humano e negação da democracia.

3. OBJETIVOS

3.1. Geral

- Avaliar a contribuição de uma Escola de Pais na construção de atitudes antirracistas e no fortalecimento das famílias, no trato cotidiano do preconceito racial.

3.2. Específicos

- Fomentar a sensibilização e o resgate da memória das famílias;
- Aprender sobre a diversidade e lutar pela equidade, valorizando as diferenças;
- Estabelecer o diálogo cotidianamente, dando oportunidade de falas aos que foram silenciados, investindo em mudanças, pensando nos diferentes, nos múltiplos, nos plurais.
- Integrar a discussão da diversidade aqui proposta à nova versão do PPP da escola.

4. CONCEITOS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A escola é um bom lugar de se ensinar e aprender. “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.” (Paulo Freire, 2009, p. 76). A mudança, não para me adaptar, mas para mudar. Mudar o rumo e a história das famílias e de suas crianças numa luta diária por igualdade e de quem constata as ocorrências e se importa com elas.

Segundo Gomes (95) é necessário a adoção de práticas institucionais e políticas, como também a realização de um processo de desconstrução dos estigmas e estereótipos construídos historicamente sobre o negro brasileiro. Nesse sentido sinto-me comprometida com essas famílias nos diálogos e rodas de conversas, ciente de que vamos não só ajudar as famílias nos seus dilemas, como também as suas crianças, as escolas e conseqüentemente a sociedade, sabendo que a mudança é possível.

Vejo a necessidade de esclarecer alguns conceitos para melhor entendimento do problema e melhor compreensão da vida na nossa sociedade. É necessário também conhecer as leis que apoiam a luta e a resistência embutida nela.

O primeiro conceito, refere-se à problemática da hierarquia entre as raças.

Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito, em nome de sua autoridade científica, de hierarquizar as chamadas raças, ou seja, de classifica-las numa escala de valores superiores e inferiores, criando uma relação intrínseca entre o corpo, os traços físicos, a cor da pele e as qualidades intelectuais, culturais, morais e estéticas. (MUNANGA, 2010, p.187 *apud*)

Na continuidade o autor nos escreve que qualquer tentativa de explicar o racismo implica no desvelamento da hierarquia mencionada, uma vez apoiada em um discurso hegemônico e universal.

Assim percebemos no nosso dia a dia o uso de expressões como relações raciais, cor/raça em pesquisas para saber como as pessoas se auto declaram ou são declaradas. A raça sempre foi importante para pensar o Brasil. Brandão (2006) incorpora um outro entendimento de raça, auto afirmativo e cultural, relacionado à experiência de indivíduos e comunidades negras no Brasil e no mundo. É importante ressaltar que a elevação da autoestima e a criação de laços como mecanismo de identificação são uma noção de raça reinventada na luta dos afrodescendentes, adquirindo um novo significado.

É na cultura e na vida social diária que nós aprendemos a enxergar as raças. Aprendemos a ver os indivíduos como brancos e negros, a classifica-los percebendo as diferenças no contato social, aprendendo também a tratar as diferenças de forma desigual. Com a visão de que o mundo pode ser de diferentes maneiras, as diferenças podem ser enriquecedoras. Para Nilma Lino Gomes (2010) é uma questão de princípio lutar pela equidade, valorizando as diferenças, sendo contra qualquer forma de racismo, estabelecendo diálogo e dando oportunidade de fala e envolvimento às pessoas.

SOUZA e CROSO (2007, p.19) definem o racismo como “doutrina que defende a superioridade de certos grupos raciais e étnicos.” Ou seja, é a superioridade da raça branca sobre outras raças com ações para desvalorizar o outro. Sua manifestação pode ser individual ou institucional, com práticas de exclusão ou discriminação, com falas e atitudes diretas ou indiretamente violentas, física ou simbólica. É importante identificar o racismo e combatê-lo de forma contundente com ações que valorizem o diferente, mostrando na nossa prática a igualdade e a equidade. “O racismo é uma prática diária e difundida. Ele é onipresente e forte.” (SANT’ANA, 2005, p.49,)

Outro conceito que chama a atenção por acontecer sempre à nossa volta é a ideia do preconceito racial que difere de racismo e discriminação. “O preconceito racial é opinião que se emite antecipadamente com base em informações acerca de pessoas, grupos e sociedades, em geral infundadas ou baseadas em estereótipo, que se transformam em julgamento prévio negativo.” (SOUZA; CROSO, 2007, p.21).

CAVALLEIRO (2018) nos ensina que o preconceito é um julgamento negativo. Ele é mantido apesar de os fatos o contradizerem, pois não se apoia numa experiência concreta. O preconceito racial é a predisposição negativa contra alguém ou contra um grupo de pessoas que é diferente de nós. É mais fácil ver o racismo e o preconceito no outro do que ver dentro de nós mesmos. Às vezes agimos como se ele não existisse e quando acontece assim, ele cresce e toma forma, fazendo um grande estrago na sociedade e dentro de cada um de nós, resistindo ao tempo e se mostrando forte nas brincadeiras, nos ensinamentos, nas relações pessoais e até escondido no nosso silêncio. (BRANDÃO,2006).

A indiferença, o não reconhecimento da desigualdade e atitudes preconceituosas naturalizadas, são atitudes para não haver mudanças e nem transformações. Vemos essas situações presentes na sociedade brasileira no dia a dia dos indivíduos, o que gera relações de intolerância nas interações sociais, no trabalho, no ambiente familiar, na escola e na comunidade. O preconceito “representa um requisito importante para a manutenção da discriminação étnica” (CAVALLEIRO, 2018, p.25), visto que as relações negativas vividas em relação aos preconceitos causam experiências traumáticas nos negros.

Se racismo e preconceito carregam em si uma definição negativa, isso pode ser entendido como diferenciar, separar, em situações variadas que não enriquece, inviabilizando a convivência. (BRANDÃO, 2006).

Outro termo muito utilizado em diversos espaços sociais, que acontece também nas escolas, é a ideia do estereótipo.

O estereótipo pode ser comparado a um carimbo impresso em determinados grupos, a partir do que os indivíduos deste grupo passam a ser considerados não em sua individualidade, mas em razão do carimbo (cigano é ladrão; negro é vagabundo; judeu é sovina). (SILVA JR, 2002, p.23)

Os estereótipos são construções indesejáveis em relação a grupos ou pessoas que podem justificar a opressão e a rejeição em relação ao outro. Segundo Hélio Silva Junior, “podem justificar até mesmo sistemas de exploração, tais como a escravidão.” (SILVA JR.,2002). Nesse sentido, quando agimos assim, tendemos a, antecipadamente, cometer erros e juízos concebidos com antecedência, pois vemos aquela pessoa com base em rótulos que os outros deram para ela, como um ‘carimbo’. Esses rótulos são repetidos por nós em nossos relacionamentos cotidianamente.

Vimos até agora alguns conceitos importantes, suas trajetórias, usos e sentidos. O termo que definirei agora é muito visto e usado por todos nós. Ele tem marcado presença nas empresas, nas mídias, estádios de futebol e também nas escolas. Segundo Munanga, “a injúria que acontece quando pessoas são chamadas de macaco é uma discriminação racial que tem uma violência simbólica, pois a essas pessoas é negada a sua humanidade.” (MUNANGA, 2010, p.178).

A discriminação racial é o racismo e o preconceito materializados em ações e condutas que desqualificam e inferiorizam um grupo em detrimento de outro. No Brasil, temos legislação que proíbe a discriminação racial, ou seja, o ato de

discriminar o outro por conta de suas características étnico-raciais. (SILVA JR, 2002, p.22)

A discriminação racial, desqualifica e inferioriza alguém ou um grupo em detrimento do outro. Há leis que reprimem a negação da igualdade e ensinam a sua promoção.

Vejamos o texto da Lei nº 7.716, DE 5 de janeiro de 1989. mas reprimem a negação da igualdade e ensinam a sua promoção.

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Art. 3º Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da Administração Direta ou Indireta, bem como das concessionárias de serviços públicos.

Parágrafo único. Incorre na mesma pena quem, por motivo de discriminação de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, obstar a promoção funcional.

Pena: reclusão de dois a cinco anos.

Na nossa prática diária é possível ajudar as famílias a compreender e a se posicionar contra qualquer forma de discriminação racial.

Outro conceito importante é o do 'mito da democracia racial', que nega as diferenças raciais e propõe uma falsa igualdade. É dizer que vivemos numa harmonia perfeita, sem desigualdades. É uma imagem criada pelos brasileiros que preferem não falar sobre as desigualdades existentes, afirmando que todos são iguais. Atitudes assim servem para tornar o negro inferior, o branco prevalecendo sobre o negro. Na nossa sociedade a discriminação acontece muitas vezes de forma discreta, com o racismo presente marcando negativamente as práticas sociais e a relação com o diverso. (BRANDÃO, 2006)

Outro conceito importante é o da diversidade. Percebemos a sua importância quando pensamos os sujeitos históricos e seus grupos culturais a partir de um olhar crítico sobre suas vivências. A ideia é perceber os múltiplos, os plurais nas suas relações e suas especificidades. Nilma Lino Gomes afirma que:

assumir a diversidade é muito mais do que um elogio às diferenças. Representa não somente uma reflexão, mas também implementar políticas públicas, alterar relações de poder, redefinir escolhas, tomar novos rumos e questionar a nossa visão de democracia. (SECADI/MEC, 2005, p.218)

A partir da sensibilização devemos ter esperança nas possibilidades de mudança. Valorizar as diferenças, o múltiplo, o plural dentro de sala e fora dela, mostrando para as famílias que a diversidade é bonita e enriquecedora, será um passo gigantesco no trabalho com as relações dentro da escola.

Acredito que, as ações pedagógicas críticas e criativas, ações que cuidam, que olham a criança em sua integralidade, podem contribuir para o processo de transformação do diálogo no ambiente familiar. É possível mudar os paradigmas elitistas, eurocêntricos e, assim, influir efetivamente na construção de uma educação multicultural. (BRANDÃO, 2006)

É importante dar vez e também escutar o que as famílias têm a dizer. Elas precisam estar dispostas a falar dos seus problemas, medos, anseios e desejos. O nosso dever é ouvi-las. Para que as mudanças aconteçam, encorajo as famílias a estar mais presentes na escola, numa participação mais ativa.

Não há receitas prontas, não existe um 'como fazer', e por isso percebe-se a necessidade de espaços de discussão e troca de ideias, conversas e diálogos. O meu desejo é a concretização de atividades mais plurais, de materiais antirracistas, de mais literaturas com personagens negros, permitindo assim que valores culturais e históricos sejam incorporados às práticas escolares e às vivências diárias dentro da escola. Está claro que o problema não será resolvido por questões metodológicas, mas pela postura do professor em construir novas práticas, solidárias e afirmativas. Não adianta mudar a metodologia e manter a ideologia do mérito. Mudar é transformar a estrutura, mas também as representações que temos sobre a função social da escola pública.

5. METODOLOGIA

No Projeto Político Pedagógico (PPP), que é o documento oficial da escola, não há menção às relações étnico-raciais. A coordenação, por sua vez, deu todo apoio, abrindo a escola para encontros de pais e responsáveis, com o desafio de diálogos sobre igualdade nas relações étnico-raciais na educação infantil. É preciso oportunizar as práticas no cotidiano escolar com diferentes estratégias e metodologias de trabalho com as famílias em relação à diversidade, dando a elas oportunidade de posicionarem-se frente ao desafio da promoção da igualdade. Acolher a diversidade nos ajuda a ter clareza de que ela é componente que apresenta valor intrínseco para o ser humano. Precisamos aprender que a luta por igualdade e equidade é diária, é um processo contínuo envolvendo as crianças, a escola, as famílias, os profissionais da educação e a comunidade. Paulo Freire já dizia que “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.” (FREIRE 2009, p. 35)

Neste trabalho utilizamos a pesquisa qualitativa como metodologia de investigação, na busca de entender alguns acontecimentos importantes nos relacionamentos e aprendizagens dentro de uma escola pública de educação infantil. Procuramos escutar as suas vozes, práticas e significados atribuídos às experiências vividas. Na abordagem qualitativa as pessoas expressam seus pontos de vista, atribuem significados e emitem pontos de vista sobre determinados assuntos que estejam relacionados com o objeto de estudo.

Com a pesquisa qualitativa pude ver e sentir as famílias da escola mais de perto, deixando-as mais livres para opinar e para dizer o que pensam sobre determinados assuntos, como as relações étnico-raciais, preconceitos, racismo, dentre outros. Para tanto, promovemos dois encontros com os pais: rodas de conversa e um debate. Todos foram filmados, com a transcrição apresentada a posteriori.

Quando nos dispomos a ouvir a comunidade, especificamente as famílias, nem podemos imaginar as muitas maneiras de abordarmos o tema da diversidade e aprofundar sobre os conceitos, para entender melhor e torná-lo mais próximos de nós. É assim que crescemos juntos, ampliando os espaços de discussões para pensarmos e agirmos diferente.

Os problemas e desafios apresentados não vão ser resolvidos de imediato, mas podemos encontrar juntos, com diálogos, estudos e encontros, caminhos e possibilidades que servem para nos inspirar. Quando conversamos, novas ideias surgem para criarmos novos canais de comunicação e laços de parceria com nossos colegas, com a direção e coordenação, com as crianças, com as famílias e a comunidade em geral.

6. ANÁLISE DOS DADOS

O nosso primeiro encontro aconteceu na biblioteca da EMEI Manacás, no formato de uma roda de conversa com as famílias da escola.

Figura 1: Famílias participantes da primeira reunião



Fonte: Acervo Pessoal

Como já mencionado anteriormente, a reunião foi apoiada pela direção da escola, que se interessou em incluir na nova versão do PPP o assunto da diversidade. Todas as famílias da escola foram avisadas pela agenda escolar. Foi também colocado um cartaz na porta convidando para a roda de conversa. Nessa primeira reunião contamos com a participação de doze famílias. Após a leitura do termo de consentimento assinado pelo orientador e pela direção do LASEB apresentando os objetivos, a metodologia e os procedimentos éticos, todas as famílias presentes concordaram e assinaram o termo

Figura 2: Diretora da escola introduzindo a intervenção



Fonte: Acervo Pessoal

permitindo o uso de imagem e voz, se comprometendo a discutir e entender juntos as formas de enfrentamento das discriminações e desigualdades étnico-raciais, principalmente no contexto escolar.

6.1. Resgatando as Memórias

O tema do primeiro encontro foi um resgate de memórias através de um pequeno vídeo da história de um menino que se chamava Guilherme Augusto Araújo Fernandes.

Figura 3: A hora do filme



Fonte: Acervo Pessoal

A história conta que o menino morava perto de um asilo onde tinha vários amigos. Era da dona Antônia que ele mais gostava. Quando soube que ela perdera a memória, quis saber o que isso significava e foi perguntar aos outros do asilo. Como resposta, ouve várias definições que o instigam a procurar objetos que a representasse. Memória é algo bem antigo, que faz chorar, faz rir, que vale ouro e que é quente. Então coloca em uma cesta tudo que aquelas sensações representavam e leva à dona Antônia, que gostou do carinho do menino por ela. Quando ela recebe os presentes maravilhosos (conchas, marionete, medalha, bola de futebol e um ovo ainda quente) cada um desses objetos lhe devolve à memória as lembranças de sua história de vida. Ela se emociona com as lembranças e agradece ao menino pelo cuidado com ela.

Durante a roda de conversa e depois de ouvir a história mostrando a importância do resgate das memórias, muitos dos participantes contaram sobre suas memórias de vida. E foi assim que tudo começou.

Segundo Mia Couto (2012), a memória exerce um papel estruturador, reconstruindo identidades, fortalecendo e dando substância ao fato narrado, a uma história contada. A reunião foi filmada e o áudio foi gravado para registro.

O nosso foco era tentar captar como a diversidade se mostra e como existem, de diferentes maneiras, o preconceito, a discriminação racial, conceitos estereotipados, o racismo e o bullying, que fazem parte das nossas vidas e causam grandes estragos nas nossas convivências e relacionamentos. Ficou explícito, nesse primeiro encontro, a quantidade de situações nas quais percebemos a existência do preconceito, não só dentro da escola. Ele está arraigado em nós, prejudicando as nossas relações e diminuindo as pessoas. Tivemos oportunidade de conversar sobre preconceito e discriminação racial, diversidade, bullying e conceitos estereotipados. A nossa primeira roda de conversa foi muito produtiva, com questionamentos importantes que a segunda reunião com a palestrante Dra. Yone Maria Gonzaga veio responder. Essas são algumas falas de uma mãe presenciando o preconceito contra o seu filho dentro de um elevador e no shopping Contagem e dizendo que ninguém ia diminuir o filho dela por ser negro. E as histórias de cada família mostraram as vivências de práticas preconceituosas em diversas situações do cotidiano. Vejamos algumas delas, saídas em nosso primeiro encontro:

...eu fui com o meu filho no otorrino, no Life Center, quando nós entramos dentro do elevador, tinha um casal que se afastou do meu filho... ¹

(Mãe B - Anexo 1)

... no Shopping Contagem, estávamos, eu e Miguel. Ele brincando e tinha um casal com um menino muito bonitinho e onde o Miguel ia, o menino ia atrás. E o menino

¹ Todas as falas destacadas nos quadros foram retiradas dos áudios dos encontros e se encontram em anexo.

falava: 'sai pra cá, sai pra lá'... 'eu não quero brincar com você'. Porém nós somos negros, mas não se sinta menos, pelo amor de Deus.

(Mãe B - Anexo 1)

Cada um é único e precisamos ver as diferenças, percebê-las e valorizá-las. Compreender as diferenças como diversidade abre um espaço público de diálogo, de respeito e cuidado com o outro. Este é um grande passo para transformações e bons relacionamentos.

O excerto a seguir mostra o desabafo de uma mãe diante da violência e intolerância sofrida pelo seu filho:

O que as pessoas têm que entender e isso até um assunto que a escola às vezes tinha que falar mais sobre isso, é sobre o preconceito. Ah, porque ele é negro, porque ele foi na escola e a pessoa olhou pra ele com o olho torto. Ah, para com isso, gente, pelo amor de Deus. Entendeu? Nós não somos uma doença, não somos uma praga, somos ser humano igual todo mundo, entendeu? Eu fui na escola do Miguel, uma mãe lá me olhou. Coitada dela, eu peço a Deus que proteja ela. Que dê pra ela sabedoria, que ela seja feliz. Porque ela incomodou, ela se sentiu menos do que eu. As pessoas têm que entender, definitivamente e tirar esse assunto de pauta, não existe preconceito.

(Mãe B - Anexo 1)

Uma das formas de construir uma pedagogia da diversidade e garantir o direito igual para todos é saber mais sobre as histórias e a cultura e afro brasileira, que vai nos ajudar a superar opiniões preconceituosas sobre os negros e os que são diferentes de nós. (GOMES, 2010) "Uma humanidade sem racismo, que preza o respeito, a convivência e o diálogo." (TRINDADE, 2010, p. 15) É preciso ensinar hoje para alcançarmos no futuro uma educação amorosa e respeitosa com todos igualmente.

Na sequência vemos um outro problema que aflige as famílias bem de perto. É o estereótipo que é ligado à imagem do cabelo e dos impactos que isso produz. Uma mãe fala do estereótipo vivido por sua filha:

É engraçado o que a gente fala é a questão do estereótipo. Minha filha tem o cabelo enroladinho, tem a pele mais morena, as coleguinhas da sala dela são branquinhas, de olhos verdes, cabelo compridão. Ela não faz o estereótipo das coleguinhas. Aquilo ali pra mim, eu não imaginava nunca, nunca, nunca, nunca. Até que um belo dia, neste ano, ela sofreu bullying na escola, ...ela sofreu uma violência na escola.

(Mãe C - Anexo1)

O que a menina sofreu na escola por ser diferente das suas colegas foi uma atitude marcada pelo estereótipo, mostrando que a característica dela, “cabelo enroladinho e pele mais morena,” como disse sua mãe, foi um fator predominante para ela sofrer a discriminação pelos colegas. Os estereótipos são resistentes à educação (Silva, Jr. 2002).

Segundo SANT’ANA, “estereótipo é a prática do preconceito. É uma manifestação comportamental.” (Sant’ana, 2005, p.65)

Os indivíduos que sofrem com conceitos estereotipados passam a ser considerados não em sua individualidade, mas em razão do que outras pessoas falam sobre ele. Atitudes assim, marcam e trazem consequências danosas para as crianças. O cuidado e acolhimento pelo profissional da educação com diálogo e afetividade é um bom começo para transformações.

O silêncio é um agravante da discriminação e do preconceito racial. Percebemos que, quando falamos, há uma certa sensibilização e conhecimento do problema. Uma professora da escola entende que o assunto deve ser abordado:

Não, a gente precisa colocar o assunto em pauta e sensibilizar as pessoas quanto a isso.

(Professora 1 - Anexo 1)

Não silenciar diante de atitudes discriminatórias observadas é um fator importante na construção de práticas democráticas e de cidadania para todos e não só para as crianças. A criança discriminada, rejeitada pelos colegas por causa da cor escura de sua pele, de seu cabelo crespo, precisa ser ouvida e acolhida, ao mesmo tempo em que atividades pedagógicas precisam ser desenvolvidas para tratar do assunto com todas as crianças. (SANTANA, p.19, 2010)

Santana reitera que nas dimensões do cuidar e educar é necessário perceber a individualidade de cada um, com seus desejos, queixas, necessidades culturais, familiares e sociais.

6.2. Diversidade

A segunda intervenção aconteceu no dia 01/07/2019, às 18:00 horas na biblioteca da EMEI Manacás.

Figura 4: Uma conversa sobre a diversidade



Fonte: Acervo Pessoal

Foi, na verdade, o aprofundamento da primeira intervenção, com o intuito de continuar o desafio com as famílias de conhecer, dialogar e aprender sobre a diversidade étnico-racial e suas implicações. Foi um fórum de discussão, conduzido pela Dra. Yone Maria Gonzaga, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, FaE/UFMG. No início de sua fala ela já menciona a superficialidade com que a temática da diversidade é tratada no cotidiano:

...o tema da diversidade é visto de uma forma ligeira e rasa na formação. Hoje é um bom momento para compreender o que os pais e as mães pensam sobre essa diversidade que encontramos na escola. Quando falamos assim... em geral ouvimos

...Nós todos somos iguais. Nós somos iguais? Não somos. Nem evoluiríamos. A própria biologia fala que é a diversidade que garante a evolução da espécie, é que garante essa possibilidade de desenvolvimento. Mas nós temos sempre um discurso de igualdade. Nós todos somos iguais. Esse é um discurso que está na lei. A Constituição Federal nos fala que somos iguais perante a lei. Mas é um discurso usado quando não queremos discutir as diferenças, porque somos diferentes: Homens, mulheres, jovens, idosos, brancos, negros, gays, héteros. Há uma diversidade que a escola precisa trabalhar com ela. E aí, como vamos trabalhar essa diversidade? Como vocês sugerem?

(Palestrante - Anexo 2)

A diretora da escola menciona a importância da legislação, porém com cuidados para que o uso de diretrizes não apague as diferenças:

Antes disso... Essa questão da lei se reportou mais em relação ao direito, somos iguais perante a lei e a gente acaba falando que todos são iguais. Aí não reconhecemos as diferenças.

(Diretora - Anexo 2)

As identidades são múltiplas, as culturas diferentes e o reconhecimento da diversidade tem sido falho. A multiplicidade de raízes na formação cultural não pode ser desconsiderada. Quero aqui chamar a atenção para a diversidade e a necessidade de respeito às diferenças que convergem para a construção do nosso país. A escola deveria saber mais sobre as histórias familiares que cada criança trás e os profissionais da educação deveriam ser treinados para lidar com tamanha diversidade. (MOURA, 2005)

O conhecimento das histórias familiares nos ajuda a entender os comportamentos das crianças dentro da escola.

Na sequência, um pai menciona a distância entre a legislação e o que acontece no cotidiano:

No papel é isso. A Constituição de 1988. Não se vê isso no dia a dia. É completamente diferente. Há discriminação, há rejeição, há um monte de coisas que precisam ser mudadas. Isso depende muito dos pais. Primeiro, eu acho que é dos pais pra passar para os filhos, pro filho vir com essa cabeça pra escola. Porque só o professor não consegue mudar isso. Se os pais não tiverem uma boa cabeça para ensinar pra criança, a criança... por exemplo a criança não gosta de gay. A criança já vem com isso na cabeça imagina pra professora mudar isso na cabeça da criança? A referência da criança é o pai e a mãe. Ela vai falar, 'meu pai e minha mãe estão certos, a professora está errada'. Depende primeiramente dos pais e depois das professoras.
(Pai 1 - Anexo 2)

Além da Constituição de 1988, é preciso incluir a temática de racismo e desigualdades étnico-raciais na agenda de discussão das escolas envolvendo as crianças e suas famílias. As transformações podem ocorrer através do conhecimento das leis e práticas pontuais como discussões, rodas de conversas, filmes, pensando sempre que o movimento na escola precisa ser coletivo “ecoando para os demais espaços sociais, disseminando valores mais igualitários.” (Santana, 2010). As mudanças não são instantâneas e nem ocorrem sem a participação de mais pessoas dentro da escola e é claro, trazendo as famílias para uma parceria ativa.

Um pai, durante a reunião, explica a sua visão sobre a diversidade, mostrando a importância de se falar e praticar o respeito ao outro:

...Quanto mais a família tiver a tolerância com as diferenças de seus próprios membros, mais fácil é para essa criança, ao entrar num outro ambiente, ela também reconhecer, aceitar, conviver, participar num ambiente diverso daquele que ela tem em casa.
(Pai 2 - Anexo 2)

Ao longo da conversa a palestrante fala sobre a importância de discutir a discriminação em todos os espaços escolares. Vejamos a sua fala:

Eu trabalho muito com a questão racial, no campo da diversidade a minha questão tem sido a questão racial. Muita gente fala que é bobagem falar dessa temática. Todos nós somos humanos, todos nós somos iguais. Só que quando vamos para o contexto escolar a gente consegue perceber as diferenças e elas vão se tornando mais intensas e muitas vezes a discriminação vem de uma forma muito exacerbada até entre as crianças pequenas. A hora que eu cheguei aqui observei que a biblioteca se chama Monteiro Lobato. Quem já leu uma obra de Monteiro Lobato? “Pois é. Quando lemos Monteiro Lobato, vários livros, Reinações de Narizinho, Caçadas de Pedrinho que ele fala lá da tia Anastácia, as referências à Tia Anastácia são sempre pejorativas, ela era a negra como carvão, ela é a feia, ela é a que tem a boca grande, quer dizer fazendo esse processo de leitura sem uma análise crítica, sobretudo das crianças enquanto elas estão nesse processo de formação, toda vez que elas se deparam com uma criança negra elas podem assimilar porque elas não têm essa questão crítica. E como a gente reage, como a gente age, como a gente orienta? E esse processo de orientação é muito interessante, porque a gente vai muitas vezes para um lado que a gente vê... quando o senhor fala assim “a gente precisa tolerar” eu gostaria de problematizar esse “tolerar”. Porque tolerar pressupõe que eu ou aquilo que eu acredito está acima dos demais. Então eu vou tolerar que o Monteiro Lobato falou que a tia Anastácia é feia, é preta e não sabe fazer as coisas. Quer dizer eu tolero isso. Mas quem tolera está numa posição de superioridade ou pelo menos se pensa numa posição de superioridade em relação aos outros.

(Palestrante - Anexo 2)

Estamos habituados a ouvir que somos iguais, a tratar todos como iguais para alcançar a felicidade para todos, mas isso não é fácil assim. Nessa luta muitas vezes igualamos os problemas, sonhos e desejos, sem nos preocuparmos com as individualidades das histórias e culturas de cada um. Hoje cremos que devemos tratar “desigualmente os desiguais”. Pode ser bom ser diferente, desde que essa diferença não signifique que um é superior ao outro. Isso é a diversidade (Brandão, 2006).

Uma outra mãe fala que percebe o preconceito e a discriminação racial hoje. Ela reconhece que sempre existiu e muitas vezes não atentava para o fato. Hoje com um novo olhar é possível perceber a discriminação de uma maneira mais explícita:

A leitura que se faz antes, quando éramos pequenas, é completamente diferente do que você tem hoje. Você vê o quanto havia de preconceito naquela época, e hoje com um novo olhar percebermos o fato tão explícito assim.

(Mãe 1 - Anexo 2)

Quando percebemos o racismo e o preconceito presentes na nossa sociedade, esse é um primeiro passo para mudarmos a direção da história. Não há como negar as situações de desigualdades presentes na escola, nas famílias, entre as crianças e na comunidade em geral. Desde quando éramos bem pequenos, observamos o racismo e o preconceito bem perto de nós. Na educação isso se torna ainda mais perverso, pois atinge a formação de cada sujeito, reforçando e reproduzindo a desigualdade (Brandão, 2006).

Mais uma mãe levanta sua voz e fala dos preconceitos praticados pelas próprias crianças. Ela termina sua fala querendo entender melhor o preconceito:

... a gente acha que não existe preconceito, a gente acha que a criança não pratica, a gente acha que a criança não pode praticar violência, mas pratica. Infelizmente a maldade existe. Não é a questão de maldade de ferir. Porque eles não sabem isso. Às vezes alguns podem até saber. Mas eles não praticam.

(Mãe C - Anexo 1)

A partir da fala dessa mãe, “não é questão de maldade de ferir. Porque eles não sabem isso”, caberia aqui uma análise posterior se até mesmo as crianças já replicam o preconceito.

O preconceito é entendido como um julgamento negativo. Esse preconceito é mantido e dá sinal de suspeita, intolerância, desafeto, repulsa às pessoas pertencentes a uma mesma raça ou religião ou até diferentes raças, credos e culturas. O preconceito representa uma condição importante para a manutenção da discriminação racial. Ele

nega um tratamento de igualdade, violando os direitos do outro. Ele tem início muito perto de cada um de nós e percebemos que não é só na escola. (CAVALLEIRO, 2018) As crianças aprendem com o que veem seus familiares praticando em casa ou no trato com as outras pessoas, até mesmo na escola. A palestrante nos explica como isso acontece nos lares e em outros lugares frequentados por elas.

...uma das questões sérias é que as crianças já internalizam desde muito pequenas as discriminações. Se o pai, se a mãe, se o tio, se a vó, se já tem alguma situação de discriminação, ele pode não dizer pra criança, mas ela internaliza no cotidiano, ela vai vendo como o pai reage, ela vai vendo como o pai trata por exemplo o manobrista, o moço do posto de gasolina, a empregada que trabalha na casa, as pessoas, o lixeiro que passa na rua. Ele pode não falar de discriminação, mas os gestos, as falas dele vão denunciando e vão mostrando esta compreensão de mundo. E as crianças, elas captam muito isso. Aí quando eu dizia isso pra professora, ela disse que não havia se preocupado com o porquê de as crianças não quererem dançar. E aí várias professoras negras falaram: “na minha época eu não dançava quadrilha porque não tinha gente pra dançar comigo.” Isso já me aconteceu de não ter colega pra dançar quadrilha. Esta é uma prática da discriminação racial que continua existindo até hoje. E a gente precisa compreendê-la nesse contexto do que as vezes falamos que é a diversidade, mas dentro da diversidade a gente vai ver determinados grupos que vão sendo sempre excluídos, sempre discriminados. E as crianças negras estão nesse grupo. Elas enfrentam muitas vezes essas formas de discriminação que algumas vezes ou muitas vezes a escola não observa. A escola acha que são situações comuns. Hoje é muito comum falar de bullying.”

(Palestrante - Anexo 2)

Figura 5: Palestrante fala sobre o bullying



Fonte: Acervo Pessoal

A palestrante conversa com as famílias e explica como é perversa a prática do bullying no ambiente escolar, diferenciando o bullying da discriminação racial.

Uma outra coisa que eu fico refletindo é sobre o bullying. Fulano sofreu bullying, Beltrano sofreu bullying. As crianças sofreram bullying e a gente precisa fazer a distinção entre o bullying e a discriminação racial. Ambos são violências, ambos são discriminação. Mas a discriminação racial ela é uma coisa que perdura. Por exemplo, o menino sofreu bullying. Fulano é muito magro ou muito gordo. O magro pode engordar, o gordo pode emagrecer, mas quem é preto vai continuar preto. Então a gente precisa ter essa compreensão do que é a diferença do bullying para a discriminação racial. A discriminação racial tem um processo de longa duração, ela tem um passado histórico que alcança não só essa pessoa, mas toda a sua ancestralidade. Todos os seus antepassados, a minha avó, a minha mãe, eu e o meu filho, vamos ser taxados da mesma forma por causa da cor da pele.

(Palestrante - Anexo 2)

Aprendemos que, atentar para as nossas atitudes com o cuidado de gerar outras mudanças nos espaços que frequentamos, deve sempre nos acompanhar, acolhendo o

que está sendo discriminado, procurando fazer diferente do que estamos acostumados a fazer.

Algumas questões se colocam como fundamentais: como educar todas as crianças na prática da solidariedade e, no respeito às diferenças? Estamos dialogando com nossas crianças, permitindo que contem sobre suas vidas, que ouçam os outros, que sejam ouvidas e orientadas em seus dilemas, dúvidas, buscas e curiosidades? Estamos considerando a experiência como forma importante de aquisição de conhecimento? Respeitamos as crianças como seres completos? Que princípios de identidade, valores éticos e de relações étnico-raciais estamos ensinando? (SANTANA, p.21, 2010).

Esses desafios são para as famílias também. Se a criança vive num lar de respeito às diferenças, respeito a todos os povos e culturas, de amor ao próximo, ela vai aprender com os exemplos, sendo possível um mundo melhor. Os pais, os responsáveis ou até mesmo os mais velhos, são referências importantes para as crianças que vivem na mesma casa. É preciso estar atento ao que fazemos. A nossa prática vale mais que as palavras que dizemos.

Não adianta pensarmos que não. A coisa tá tão impregnada na gente, que ...pra mim, não vem ao caso, mas ao mesmo tempo tem hora que a gente não percebe o que tá falando. Tá impregnado na gente. Você cresceu ouvindo os chavões, as frases. Por exemplo quando a professora fala “eu tenho privilégio” a gente já caminhou muito, eu acho que a gente caminhou bastante em relação ao tema da diversidade, mas temos muito para caminhar. O preconceito está impregnado nas frases, no que falamos. A gente faz o tempo todo, repete as coisas e nem percebemos.”

(Diretora - Anexo 2)

A palestrante, nos leva a refletir sobre a importância do parar, perceber e incluir. Esse é o momento do educar, da reflexão, ação e práxis. Toda a nossa atenção para essas questões é necessária. O exercício de ouvir as pessoas, de valorizar os saberes, de estar sensível à dor das crianças que são atingidas pela invisibilidade e a naturalização do preconceito deve ser nosso alvo de trabalho. Uma visão crítica e amorosa de respeito às diferenças tem possibilidade de abrir portas à participação de forma solidária e cooperativa (BRANDÃO, 2006).

Pequenos atos podem fazer diferença. O preconceito e a discriminação também acontecem nas escolas. Percebemos no nosso cotidiano:

Mas é o que estávamos dizendo. As aprendizagens da criança em casa, muitas vezes, ela vai absorvendo, ela observa, ela observa como o adulto em casa que é referência para ela como ele age, como ele acolhe, como ele as vezes fala determinadas situações sobre uma ou determinadas pessoas, quais são os traços fenotípicos dessas pessoas. As crianças são observadoras. Elas vão de certa forma incorporando estas questões. Elas incorporam. Tem uma pesquisa de uma professora chamada Eliane Cavalleiro que ela investigou crianças em berçário e em UMEIS, lá nos anos 90. Ela observou que as crianças no berçário eram tratadas de maneira diferenciada em função da cor da pele. Quando as crianças brancas choravam, em geral as atendentes da creche se dirigiam ao bercinho, colocavam o bico na boca, de uma maneira muito mais rápida do que acontecia quando as crianças eram negras. Então já começa aí uma dificuldade do cuidado, do carinho. As crianças negras, elas sofrem muito mais de uma falta de carinho dos adultos.

Quando você fala de uma criança que observa a outra e fala que é bonita ou é feia. Tem um vídeo, não sei se vocês já viram na internet que são crianças observando duas bonecas. Uma criança observa a boneca branca e a boneca negra. Aí pergunta: "Qual é bonita?" ela aponta a branca. Qual é feia? Ela aponta negra. "qual você acha que merece carinho?" Ela aponta a branca. "Qual que não merece carinho?" Ela aponta a negra. E aí pergunta: "com qual você se parece?" ela aponta a negra. Ela está falando da dimensão de carinho que ela recebe menos, ela está falando da dimensão de uma estética, que muitas vezes vamos cultuando sem nem observar. Não é o caso desta escola, mas por exemplo, eu já fui em escola que todos os cartazes eram de crianças brancas. E aí numa população que é majoritariamente negra, se você tem todos os cartazes de crianças brancas, as crianças negras vão estar representadas onde? Quando trabalhamos as histórias, quando pegamos a história da Cinderela, sempre com muitos adjetivos, por isso hoje temos trabalhado com a literatura negra que traz uma referência positiva também para as crianças negras. Porque os livros antigos de Monteiro Lobato falavam o que eu já disse. Os livros das mais belas histórias traziam um outro referencial de beleza. Não é um referencial de

beleza de um cabelo crespo, não é um referencial de beleza de uma pele negra e isto normalmente a gente acha que não tem uma informação por traz que as crianças não percebem. E elas percebem. Assim como elas percebem toda a materialidade da escola. Quando temos bonecas brancas e bonecas negras, você diz na escola que é importante ter essa referência. Que tanto os negros quanto os brancos têm direitos, então é importante a materialidade refletir esse cotidiano que está na sociedade que a escola precisa incorporar. A gente quando olha por exemplo: livro de princesas aí todo mundo vai para o mesmo modelo padrão de princesa. Tem princesas negras. A escola trabalha com essas princesas negras?

(Palestrante - Anexo 2)

A educação é um processo social onde os cidadãos têm acesso a conhecimentos, a novas culturas, se preparando assim para o exercício da sua cidadania. Qual o tipo de cidadãos que estamos formando nas escolas? Como a escola tem contribuído para uma formação menos racista? Como reagir quando sofremos com o racismo? Como reagir contra a injúria racial? É preciso conhecer o processo de socialização que as crianças têm no grupo familiar e nas escolas que elas frequentam. Só assim poderemos responder a todas essas perguntas. (Cavalleiro,2018)

Praticar o que estamos aprendendo é um caminho. Mostrar sempre uma educação antirracista. Só assim podemos trabalhar com os pequenos e atingir os mais velhos, sendo que o contrário é verdadeiro. Em muitos aspectos percebemos as crianças que têm uma vivência diferente em seus relacionamentos e aprendizados corrigindo os seus pais em algumas situações.

O que acontece na nossa sociedade é a presença do racismo estrutural e também o mito da democracia racial, que prega a igualdade do ser humano. Devemos então fortalecer as crianças desde a educação infantil e ajudar também as famílias dessas crianças, ensinando com amorosidade, nas discussões e encontros regulares. A educação junto com a judicialização são caminhos para enfrentarmos algo que é crime. É possível pensarmos em estratégias que rompam com essa estrutura racista.

Uma professora presente na reunião exemplifica o modo como pequenos atos ajudam a valorizar a todos igualmente, trazendo alegria para as crianças.

Eu estava trabalhando o corpo humano e levei uma imagem de uma mulher negra para mostrar como ela era bela, com o cabelo crespo, tom de pele, com um belo sorriso, uma referência positiva de uma pessoa negra. Um aluno disse que estava parecendo com a mãe de uma colega de sala. Eu percebo que foi um pouquinho só, mas faz diferença.

(Professora 1 - Anexo 2)

As transformações começam a partir de pequenas ações. Cada um de nós é importante e responsável nessa luta. É necessário assumirmos a diversidade acompanhada de uma reflexão mais consistente das particularidades dos indivíduos e grupos diferentes de nós, seguida de implementações de políticas públicas que vão alterar as nossas escolhas na construção de um mundo melhor.

Como já fiz anteriormente, definir as palavras nos ajudam muito. Reconhecer e identificar o racismo e o preconceito que carregam em si valores negativos, nos ajudam a lutar e a resistir. Somos capazes de conviver com as diferenças? Essa convivência pode ser enriquecedora. Devemos nos preocupar com o sujeito integral dotado de razão e emoção. (Brandão, 2006).

A palestrante menciona a lei 10.639/03 que deveria ser mais conhecida por profissionais da educação de escolas públicas e privadas do nosso país. Uma lei que estabelece a obrigatoriedade de incluir nos currículos a história e a cultura africana e afro brasileira para o conhecimento das crianças desde cedo sobre a realidade do negro como escravizado. Ela menciona a importância de as famílias saberem e conversarem sobre esse tema e completou sua fala dizendo que a escola é o lugar certo de dialogarmos sobre as nossas diferenças e entendê-las como forma de correção de desigualdades históricas e sociais que acontecem com a população negra no nosso país. Quando conhecemos as histórias das pessoas que vieram antes de nós, somos sensibilizados a agir observando o cumprimento da lei significando “mudanças não só nas práticas e nas

políticas, mas também no imaginário pedagógico e na sua relação com o diverso.” (GOMES, 2010, p. 20).

A Lei 10.639/03 rege a educação nacional, causando impacto e mudanças na educação escolar como: ações no MEC, na formação de profissionais para as relações com a diversidade, na ampliação da consciência e entendimento da questão étnico-racial como um direito. (GOMES, 2010)

Conhecer a lei é fundamental para desenvolvermos o nosso trabalho. A escola também tem leis que a regem. O PPP é o documento oficial da instituição responsável por nortear os caminhos, definindo diretrizes, metas e métodos para que a escola consiga atingir os objetivos a que se propõe. Ele funciona como um guia para as ações a serem desenvolvidas no interior da escola, cooperando na melhoria do ensino dentro de uma sociedade democrática e de interações políticas, atendendo os indicadores e expectativas de toda a comunidade escolar. Esse documento oficial da escola já foi elaborado uma vez e precisa de uma nova versão. Inserir no PPP a diversidade étnico-racial, como é o desejo da direção e coordenação, deixa claro para nós que desejamos cuidar da nossa comunidade escolar, cultivando a igualdade e considerando todas as crianças e suas famílias portadoras de direitos, como sujeitos ativos no mundo e merecedoras de atenção por todos os seguimentos da sociedade.

Aprendemos desde muito cedo com nossos familiares a olhar, perceber e reconhecer a diversidade humana. No entanto, como estamos inseridos em relações de poder, nem sempre notamos que aprendemos a classificar desde sempre, como forma de ver as diferenças e semelhanças de modo hierarquizado e na divisão de dois caminhos: feio e bonito, inferior e superior, bom e mal, certo e errado. Esse tipo de racionalidade deve ser superado. (Gomes, 2010)

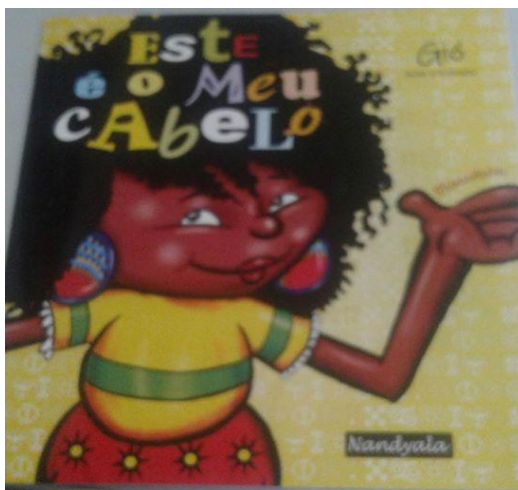
A palestrante fala sobre a lei 10.639/03, como forma de interferir na pedagogia da diversidade:

Então pensar isso socialmente, politicamente, culturalmente para entendermos a necessidade de políticas públicas por exemplo, que alcancem a todo mundo, que dê a todo mundo condições de viver com dignidade, porque todas as pessoas têm direito.

E aí voltando para o campo da Educação, hoje temos uma lei, a lei 10.639/03 que fala que as escolas, todas as escolas, desde a educação infantil até as universidades, elas têm que incluir nos seus currículos, nas suas atividades, nas suas brincadeiras a história e a cultura africana e afro brasileira pra que todas as crianças cresçam conhecendo um pouco mais dessa história e não só faça essa referência dos negros como escravizados, porque essa história de negros como escravizados que a escola vai reiterando todo ano, ela de certa forma garante a persistência desses estereótipos, desses estigmas, dessas discriminações. E para as crianças brancas é muito cômodo, a história delas é refletida o tempo inteiro nos livros didáticos. Quando pegamos os livros com certeza vai ter criança branca, nem todos os livros vai ter criança negra. Pra que isso aconteça no Brasil foi necessário a criação dessa lei que é de 2003. E a gente enquanto família, a gente precisa estar atento a isso. Isso é bom para as crianças negras que vão se ver refletidas de outra forma nos livros e na materialidade, mas é bom também para as crianças brancas porque elas vão aprender a ter um outro olhar. Esses processos de aprendizagem, eles são construtivos para todas as pessoas, sejam elas brancas ou negras. Eu trouxe um livro que chama “Este é o meu cabelo” Eu gosto muito deste livro porque quando a gente lê as pessoas negras já vão se identificando. Algumas pessoas brancas falam assim, olha nunca parei pra pensar que o cabelo fosse motivo de discriminação. Cabelo é uma coisa fundamental principalmente para nós mulheres, não é? Nós aprendemos desde muito cedo que o cabelo bonito é o cabelo liso. Por isso muitas de nós passamos por processos dolorosos de alisamentos, não é? As mães, as avós, as tias falavam: “tem que alisar, tem que alisar o cabelo” era uma forma muitas vezes de nos proteger das discriminações que íamos sofrer. É a questão que eu digo hoje. O problema não é alisar o cabelo, o problema é a gente não ter a referência de que o cabelo que a gente tem, cabelo crespo, é um cabelo condizente com a nossa raiz, com a nossa história de descendência africana. Cabelo para nós negros e negras sempre foi uma questão séria. O cabelo na educação infantil, no ensino fundamental sobretudo, o cabelo crespo, quantas vezes já ouvimos comentários de mães assim, aquele menino deve ter piolho, que o cabelo é assim e não assado. Acha que o cabelo crespo vai ter piolho. Esta é uma coisa recorrente e aí trazer este debate da questão do cabelo é uma forma

da gente ir reconfigurando o olhar para o cabelo e as questões raciais dos coleguinhas. Eu acho isso importante.
(Palestrante - Anexo 2)

Figura 6: Livro lido na reunião



Fonte: https://www.facebook.com/pg/nandyalalivrariaeditora/shop/?ref=page_internal

Nas instituições educacionais, o papel das educadoras está relacionado também à busca de práticas que possibilitem atuar para romper com os preconceitos, através de pesquisas, levantamentos de informações sobre a comunidade local, assim como do contato com os familiares das crianças, para permitir um maior conhecimento das suas histórias de vida.(SANTANA, 2010, p.21)

A diretora nos diz da importância do nosso fazer profissional atentando para o cuidado com as crianças particularmente. O diálogo a seguir mostra essa reflexão sobre a nossa prática

O que temos que pensar o tempo todo é na nossa prática mesmo. Não no nosso discurso. É a prática. Não adianta a gente ficar assim, tem que gostar de todo mundo. Não é por aí! É a prática mesmo. Igual tudo que a palestrante tem colocado. Estar atento ao material que você utiliza, às histórias que você conta, a forma como você divide os grupos, como você proporciona brincadeiras e faz mediação de uma maneira de prática mesmo. De estar vivenciando a todo tempo as diferenças, sem que seja voltado para conceitos. A nossa sociedade ela conceitua demais. Acho que nunca falamos tanto em diversidade, diferença e existe tanto gueto e divisão.
(Diretora - Anexo 2)

A gente precisa parar e ver o que a criança está dizendo. Parar e conversar. Se a gente quer construir processos educativos precisamos fazer isso.

(Palestrante - Anexo 2)

Uma prática reflexiva.

(Diretora - Anexo 2)

Paulo Freire nos ensina sobre a educação como prática de liberdade. Nesta prática há duas dimensões: ação e reflexão. Uma se remetendo à outra. A palavra somada à ação resulta numa práxis que é igual à reflexão da ação. (FREIRE, 2005). “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.” (FREIRE, 2005, p. 90)

O tempo de aprendizado através de diálogos e interações foi proveitoso e relevante para nós. O reconhecimento das famílias nos ajudou a perceber que a Escola de Pais deve acontecer regularmente.

Um pai agradece o cuidado e a oportunidade de conversas e diálogos dentro da escola. Ele deixa claro que o fazer junto é um crescimento para todos.

Quero deixar registrado o meu agradecimento a vocês dessa escola, que abriram para a gente conversar e falar dos nossos problemas e dificuldades. A gente sabe que as crianças aqui são bem cuidadas, mas não são só elas que precisam de cuidados. Nós também precisamos e o que fizemos hoje aqui foi muito bom.

(Pai A - Anexo 1)

Em entrevista gravada, que se encontra no anexo 3, a diretora da EMEI reconhece a importância de se ter um espaço dentro da escola para o entendimento sobre a diversidade, um esclarecimento sobre as relações étnico-raciais e o fortalecimento da relação família/escola. Ela menciona também a importância da reescrita do PPP. Vejamos um pouco da entrevista:

E você acha que esse tipo de atividade fortalece o relacionamento das famílias com a escola?

(Professora - Anexo 3)

Com certeza. Com certeza. Fortalece muito. Primeiro porque você vai fazer uma proposta de trabalho embasada numa dinâmica e numa realidade conhecendo a sua comunidade escolar. Conhecendo a demanda das suas famílias, conhecendo a realidade de cada um. Por exemplo, quando você vem discutindo as relações étnico-raciais, a questão da diversidade, que veio a Yone aqui, teve aquele trabalho conosco. As famílias trazem questões que muitas vezes a escola desconhece, é ali que passamos a conhecer. Principalmente falando da EMEI Manacás, estamos com uma demanda para esta gestão de fortalecer mais essa discussão, no que se refere a inclusão e diversidade, porque ficou essa lacuna no nosso Projeto Político Pedagógico (PPP). A gente vai ter que refazer o nosso PPP e apresentar de uma maneira mais aprofundada esta questão. Pra gente foi muito bacana nesse sentido.

(Diretora - Anexo 3)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento sobre a diversidade nos levou a refletir sobre qual educação queremos para a nossa escola. Os encontros com as famílias nos mostraram que temos nossos anseios, silenciamentos, tristezas, alegrias e muitos outros sentimentos que, por vários motivos, precisam ser expressados, mas muitas vezes não são. A escola pode ser esse espaço de interações. Nas rodas de conversa e na palestra interativa dialogamos e aprendemos sobre leis, preconceitos raciais, conceitos estereotipados, discriminações e sobre o quanto o reconhecimento e a valorização à diversidade fazem diferença nas nossas práticas.

Não existe aprendizagem sem solidariedade, sem troca, sem afeto, sem cuidado, sem elogios, sem implicação consciente e responsável dos adultos que estão à frente desse processo. Nas instituições educacionais, o papel das educadoras está relacionado também à busca de práticas que possibilitem atuar para romper com os preconceitos, através de pesquisas, levantamento de informações sobre a comunidade local, assim como o contato com os familiares das crianças para permitir um maior conhecimento das suas histórias de vida. (SANTANA, 2010)

Neste sentido, percebemos que as reflexões que fizemos sobre a diversidade foram um início de caminhada que pode desvendar novos caminhos para o enfrentamento das desigualdades raciais na EMEI Manacás. Entendemos que o que aconteceu na escola é o princípio de uma ação afirmativa que aos poucos vai sendo incorporada ao cotidiano da instituição, cumprindo leis e afirmando o direito à diversidade no ambiente escolar.

A escola tem um papel importante nesse debate e muitas tarefas a cumprir. A reescrita do PPP já está sendo programada. A organização de painéis, biblioteca, brinquedos, enfim, toda a materialidade da escola está sendo repensada com maior cuidado para representar e valorizar a todos que frequentam os espaços, visando a valorização e a autoestima de cada um, superando as desigualdades na diversidade.

REFERÊNCIAS

A História de Guilherme Augusto Araújo Fernandes
<https://www.youtube.com/watch?v=I05eHBpsgTI>. Acesso em 5/4/2019

BRANDÃO, A. P: **Saberes e fazeres, v.2 : modos de sentir**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006 76p: il. color. (**A cor da cultura**)

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 05 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de revisão n. os 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais n.os 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo n.os 186/2008. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 27 de novembro de 2019. Publicação Original: Diário Oficial: Seção 1, Brasília, DF, nº191 – A p. 1, 5 out. 1988.

BRASIL. Lei n. 10.639/03, de 09 de jan de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". **Diário Oficial da União**, Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso: 27 nov. 2019

BRASIL. Lei n. 7.716/89, de 05 de jan de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso: 27 nov. 2019

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dez de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso: 27 nov. 2019

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para a Educação Básica. Coordenação Geral de

Educação Infantil. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2018.

Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte
<http://www.gestrado.net.br/pdf/397.pdf> Acesso em 11/10/2019

Dicionário da Língua Portuguesa
<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=di%C3%A1logo> Acesso em 15/08/2019

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA 2017)
https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf acesso em 03/10/2019

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 2009 (coleção leitura)

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005

GOMES, N. L: Educação, Relações Étnico-Raciais e a lei Nº10.639/03: Breves Reflexões. In: BRANDÃO, A. P; TRINDADE, A. L (Org.): **Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres**. V. 4 – Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010

GOMES, N. L. **A mulher negra que vi de perto**. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995. 200 p.

Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Proposições Curriculares para a Educação Infantil – Volume I – Fundamentos. Desafios da Formação.** Prefeitura de Belo Horizonte, 2016

MOURA, G. O direito à diferença. In: KABENGELE MUNANGA, organizador. **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2ª edição revisada, 2005.

MUNANGA. K. Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo. In: **Cadernos PENESB** – Especial ERER, n 12, 2010 *apud* Conceito de raça. In: CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco, RASCHE, K. L. (orgs) **Formação de Professores:** produção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana. – Florianópolis: DIOESC, 2004, 248p.

O poder das histórias de Mia Couto: escritor moçambicano conta memórias em Aula Magna da Ufrgs. <https://www.sul21.com.br/areazero/2014/09/o-poder-das-historias-de-mia-couto-escritor-mocambicano-conta-memorias-em-aula-magna-da-ufrgs> acesso em 5/4/2019

SANT'ANA, A. O. D. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados In: KABENGELE MUNANGA, organizador. **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2ª edição revisada, 2005.

SANTANA, P. M. S. Um abraço negro: afeto, cuidado e acolhimento na educação infantil. In: BRANDÃO, A. P; TRINDADE, A. L (Org.): **Modos de brincar:** caderno de atividades, saberes e fazeres. V. 5 – Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

SILVA JR., H. **Direito de Igualdade Racial:** aspectos constitucionais, civis e penais: doutrina e jurisprudência. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2002 *apud* PAULINO de Jesus e Karla Leandro (orgs.) **Formação de professores:** promoção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana. Florianópolis: DIOESC, 2014.

SOUZA, A. L. S.; CROSO, C. (Coord.). **igualdade das relações étnico-raciais:** Possibilidades e desafios para a implementação da Lei 10.639/2003. São Paulo: Peirópolis; Ação Educativa; CEAFFRO; CEERT, 2007 *apud* PAULINO de Jesus e Karla

Leandro (orgs.) **Formação de professores**: promoção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana. Florianópolis: DIOESC, 2014.

TRINDADE, A. L. Valores civilizatórios afro-brasileiros e educação infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, A. P; TRINDADE, A. L (Org.): **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. V. 5 – Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1

ESCOLA DE PAIS – 10/04/2019

RODA DE CONVERSA

MOVO 3155

Mãe A - Ela demanda uma necessidade muito grande de ajuda. Então a minha casa tem plaquinhas, coisa que as outras casas não têm. Tudo o que eu posso fazer pra ajudar ela entender, e se sentir melhor, eu tento fazer o máximo, o possível pra enquadrar ela, mas eu tento todos os dias também colocar na cabeça dela que as pessoas vão olhar pra ela, às vezes diferente, como olharam pra ela outro dia dentro do consultório médico. Consultório, não, dentro de uma universidade, onde ela faz acompanhamento, na CRIAR, lá no HC. Uma mãe foi mostrar uma foto dela no celular, uma mãe que estava com um neném e a mãe tirou o neném de perto dela. Enfim, me doeu muito, isso são memórias também, uma memória muito ruim. Mas eu tento, agora que ela tá crescendo, por mais que hoje, graças a Deus, ela tá melhorando cada vez mais, eu tento explicar pra ela também, 'deixa pra lá, não ligue', o que importa é ela ser feliz, é estar bem, enfim, mas que existe um olhar (incompreensível).

Mãe B – eu fui com o meu filho no otorrino, no Life Center, quando nós entramos dentro do elevador, tinha um casal que se afastaram do meu filho, só que assim, graças a Deus, eu sou muito 'passível', eu nunca me senti menor do que ninguém e aí, na verdade, depois eu até pedi perdão pra Deus, porque, ela fazer isso com a gente, eu olhei pra ela com o olhar pra ela ver o que ela fez comigo e com o meu filho, porque nós estávamos no mesmo ambiente e eu não estava lá pedindo nada pra ninguém, eu pago com dificuldade porque o dinheiro não nasce em árvore, é um luxo que eu e o meu esposo não temos, e eu não tenho que sentir menos do que ela em momento nenhum. Isso já aconteceu várias vezes, principalmente na UNIMED, porque está nós dois, criança tem isso, de querer interagir com outra criança, o Miguel vir e mãe fala pra não encostar, com coisa que, se encostar no filho da pessoa, ia acontecer alguma coisa. Não ia acontecer

nada, eu é que estava sendo generosa, de deixar meu filho distribuir amor e carinho pra outra criança.

Mãe C – é a diversidade, gente. A diversidade taí.

Mãe B – a minha patroa, eu sou babá, com muito orgulho, sinto muito não ter estudado mais, mas não me sinto desmerecida, e me proporciono uma vida confortável, tenho o que eu quero, não me sinto diminuída em momento nenhum. Infelizmente eu tenho sentimento de pena, de dó, de quem tem esse sentimento dentro dele. Um dia, no shopping Contagem, estávamos, eu e o Miguel, assistindo (inteligível). Ele brincando e tinha um casal com um menino muito bonitinho e onde ele ia, o menino ia atrás. E o menino falava 'sai pra cá, sai pra lá'. Aí eu fiquei olhando e o casal não se manifestou. Aí eu cheguei e falei assim, 'querido, você quer brincar com ele?' E ele falou, 'não'. E eu falei 'você tem certeza?'. Porque o nome dele é Miguel. - Filho, se apresente pra ele. Aí o Miguel falou, 'meu nome é Miguel Nunes Pinheiro'. Aí ele falou assim 'eu não quero brincar com você'. Então você procura outro brinquedo porque agora ele está usando este'. Então, assim, não se sinta diminuída, independente de qualquer coisa. Porém nós somos negros, mas não se sinta menos, pelo amor de Deus. Às vezes eu vou na padaria, vejo um pedreiro entrando, pessoa toda acuadinho=a. Não, você tá entrando ali, comprando com dignidade, com o seu dinheiro. Eu trabalho em casa de família, sou babá, eu passo o dia na casa dos outros, eu não me sinto menos do que qualquer advogado, juiz, não me sinto. O que as pessoas têm que entender e isso até um assunto que a escola às vezes tinha que falar mais sobre isso, é sobre o preconceito. Porque eu até falei com o Bernardo, 3 dias da semana ela passa por preconceito. Ah, porque ele é negro, porque ele foi na escola e a pessoa olhou pra ele com o olho torto. Ah, para com isso, gente, pelo amor de Deus. Entendeu, nós não somos uma doença, não somos uma praga, somos ser humano igual todo mundo, entendeu? Eu fui na escola do Miguel, uma mãe lá me olhou. Coitada dela, eu peço a Deus que proteja ela. Que dê pra ela sabedoria, que ela seja feliz. Porque ela incomodou, ela se sentiu menos do que eu. As pessoas têm que entender, definitivamente, e tirar esse assunto de pauta, não existe preconceito.

Professora 1 – Não, a gente precisa colocar o assunto em pauta e sensibilizar as pessoas quanto a isso.

Mãe C – É engraçado o que a gente fala é a questão do estereótipo. Minha menina estuda numa escola particular. Ela saiu de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) e foi para uma escola particular, uma escola mais barata.

Mãe D – Há preconceito de quem estuda na EMEI. Por que? A Giovana é a única que estuda na EMEI. As colegas estudam no Colegium do Castelo. As pessoas falam que na EMEI não tem alfabetização, não tem problema porque ela tá lá pra brincar. Ei cobrei muito da Lu o alfabeto, lembra, Lu? A minha Giovana estuda na EMEI e sabe o alfabeto inteiro. As duas que estudam no Colegium pagam 1.200 e não sabem o alfabeto. Aí uma, ah, porque é hiperativa. Tá, ok, e a outra? E a que estuda no Colégio Padre Eustáquio? A Giovana sabe. Mas existe o preconceito com a EMEI. Igual, eu convidei todas elas pra virem na quadilha da Giovana e não vem. Só que a Giovana, graças a Deus, que bom que ela pode usufruir daquilo de melhor que a gente construiu até hoje.

(Conversa entre mais pessoas, inteligível)

Mãe E – Uma das médicas que eu levei minha filha ela mandou tirar a minha filha da creche que eu pagava e colocar na EMEI.

Mãe F - A minha pediatra também.

Mãe G – A filha da pediatra da minha filha estuda na EMEI. O que tá tendo agora é carrão na porta das EMEI. Eu indico pra todo mundo. Elas estão muito mais preparadas do que muita escola aí.

Mãe H – Os direitos são iguais.

Mãe D – Só que, se você for reparar, são pessoas que têm condições, mas têm pessoas que não têm condição e estão fazendo 'isso aqui'. Eu falo que tem colega minha que ela não tem condição de comprar uma coisa pro filho dela, ela tá tirando 'isso aqui' pra pagar a escola do filho.

(Conversa inteligível)

Mãe B – Eu moro aqui há seis anos. Vi essa escola sendo construída. Eu sou muito satisfeita porque meu filho estudou aqui dois anos. Este é o último ano dele aqui, já até

doendo o meu coração. Eu sou grata por isso. E assim, não não e não. Ninguém vai diminuir o meu filho por ter mais ou menos do que eu.

MOVO 3156

Mãe C – ...estereótipo da Laura (relato de Carla Silva até este momento, a partir da fala da mãe C, não captada no áudio: xxxxxxxx). Gente, minha ficha, meu mundo, eu não acreditava nunca. Olha a Laura. A Laura tem o cabelo enroladinho, tem a pele mais morena, as coleguinhas da sala dela são branquinhas, de olhos verdes, cabelo compridão. A Laura não faz o estereótipo das coleguinhas. Aquilo ali pra mim, eu não imaginava nunca, nunca, nunca, nunca. Até que um belo dia, neste ano, ela sofreu bullying na escola. Tem um grupo de mães de WhatsApp da sala. Vocês não têm noção. Aí que eu peguei, fui no grupo, falei o que aconteceu, que ela sofreu uma violência, pra mim ela foi coagida na escola. Eles pegaram um trabalho dela, dois colegas pegaram o trabalho dela, que ela levou pra mostrar pra professora. E eles pegaram um trabalho que ela levou pra mostrar pra professora, eles pegaram, um amassou e jogou fora. Ela foi, pegou e desamassou. Outro foi, pegou, abriu e rasgou. Então ela chegou, na hora que eu fui buscar ela na escola, ela não conseguia falar. Ela entrou dentro do carro e não conseguia se expressar. Eu sou muito assim com a minha menina, com meus filhos, eu não gosto que venha bilhete na agenda. Se vier bilhete na agenda, se vocês se comportaram mal na escola, vocês vão ver comigo. Bilhete, quando vem bilhete, é porque vocês se comportaram mal. Dentro da escola quem é a autoridade é a professora. Aí ela não conseguia falar. – Laura, você não está conseguindo falar é porque você aprontou na escola? Aí ela, - Mamãe, aconteceu. Aí ela não conseguia. Gente, eu saí dirigindo aquele carro até a minha casa, se tivesse passado alguém na minha frente tinha morrido. Peguei, fiz um textão enorme no WhatsApp. Eu poderia ter chamado as mães no privado, mas primeiro eu não sei, eu tô no grupo, mas eu não sou participante assídua do grupo. Eu não sabia quem era a mãe dos meninos. Fui e coloquei no grupo. O que aconteceu? Duas mães me chamaram no privado, contando que os filhos dela também tinham passado por momentos assim na escola. Isso existe mesmo. A gente acha que não existe bullying, a gente acha que não existe preconceito, a gente acha que a criança

não pratica, a gente acha que a criança não pode praticar violência, mas pratica. Infelizmente a maldade existe. Não é a questão de maldade de ferir. Porque eles não sabem isso. Às vezes alguns podem até saber. Mas eles não praticam.

Mãe B – Mas também, muitas vezes, tem menino que retribui isso na escola porque vê em casa. Agora o que que é preconceito? Nós fomos um dia num restaurante, eu tento lembrar o nome desse restaurante, não lembro. Um restaurante ali na Pampulha, muito bacana, muito bacana, esqueci o nome dele, restaurante ótimo, de valor, né? Assim, foi eu, meu esposo, minha sogra, meu sogro, quatro casais de cunhados e as esposas e os meninos, e tal. Aí teve uma moça, os meninos brincando, ela teve coragem de ficar lá perto pro menino, pro filho dela, não interagir com os meus sobrinhos e o meu filho. Quando eu vi aquilo, eu dei uma gargalhada, eu achei a coisa mais engraçada do mundo. Porque eu pensei, você vem num lugar, uma estrutura que você pode ficar à vontade pro seu filho brincar ali, se assentar ali, tomando uma cervejinha, comendo uma coisa diferente, você paga um preço absurdo, porque, né, nossa conta ficou em 800 reais, não era um lugar que você vai lá e compra um PF. Aí a pessoa não fica à vontade, porque ela se sentiu ofendida de ter outras crianças ali que ela olhou, e deduziu na cabeça dela, que não seria interessante pra brincar com o filho dela. E eu ri, eu ri e o meu cunhado disse ‘deixa os meninos à vontade’. Eu falei, ‘pode deixar, deixa os meninos à vontade, nós estamos pagando é pra isso’. Porque você custa ir num lugar bacana. Eu falei, ‘contada, fiquei com dó’. Porque ela acabou não aproveitando o dia dela, o almoço dela, lá. Mas assim, gente, é uma coisa que eu falo com os meus irmãos. Eu tenho dois irmãos que eles têm mania de falara assim, ‘ah, fulano tem moto e eu não tenho, ah, fulano tem carro, ah, fulano tem casa própria e eu não tenho. Tem um irmão meu que, pra me ofender, ele fala assim, ‘você não tem nada, quem tem é o seu marido. O sítio (porque a gente tinha uma casinha em Brumadinho) não é seu. Quando o Bruno te conheceu ele já tinha. Uai, tinha o lote. Nesses onze anos a gente construiu uma casa. Então, diga-se de passagem, que é nossa. E assim ele tem essa mania. Outro dia ele estava ‘porque eu não passei na autoescola. Fulano passou de primeira. Porque tem tempo pra estudar’. Eu falei, ‘aqui, para de ficar dando uma de coitadinho, você não é coitadinho, não. Se você não passou porque é incapacidade sua, vai lá e estuda. Foca e faz a prova. Entendeu? É que as pessoas têm a mania, eu custei a cair essa ficha, mas agora, com

trinta anos, eu acho que tô conseguindo entrar nessa área, assim, de pensamento mais rápido. As pessoas têm a mania, do seguinte, não sei se todo mundo concorda comigo, de achar que é muito mais fácil eu culpar você por uma coisa (inteligível). É onde nós estávamos falando das frustrações. Hoje em dia nós não deixamos nossos filhos frustrados. Eu também peço. Às vezes você vai na casa de alguém, assim, e o Miguel fica pedindo. Aí eu fico, 'ô fulano, deixa o Miguel brincar, tadinho, ele tá na sua casa, conversa com ele'. A gente tem essa mania de fazer isso. É muito mais fácil você jogar a culpa no outro daquilo que está dentro de você. Eu tenho uma prima que tem um filho especial. Na verdade, eu não sei até hoje o que o filho dela tem. Porque ela tem tanta vergonha do filho dela que ela nem sai com o filho dela. Digna de dó. Posta coisa dos dois últimos filhos dela menores e não posta foto do filho dela. Poxa, é filho dela. Independente do jeito que ele nasceu, se foi pra ela é que ela tem a capacidade de fazer diferente. Por que que ela não pode interagir com o filho dela na sociedade? (inteligível).

Professora 1: – ô gente, olha aqui. A proposta, a minha proposta é fazer exatamente isso. É tipo uma terapia. Começa a falar das memórias, todo mundo se sensibilizou e agora todo mundo quer falar. Nós vamos fazer uma foto e tem um lanchinho esperando a gente lá. Porque agora são quase 7:30 hs e tá na hora da gente terminar. (inteligível). Alguém mais quer falar alguma coisa?

Pai A – Não, eu só queria falar que, tipo assim, na maioria das coisas que eu participei do militar do poder, eu fiquei no Exército 8 anos. E, tipo assim, a doutrina deles é aquilo ali. O meu pai foi muito rígido também. No dia que eu fui fazer exame de legislação no Detran eu entrei na fila pra fazer exame e outro paraquedista que trabalhava lá, falou assim, 'uai, por que o seu filho entrou na fila?'. Meu pai era muito sistemático. Ele falou assim, 'meu filho, é, seu filho, tá lá fazendo exame'. Como ele trabalhava na banca, ele sabia o que eles perguntavam, porque era arguição, tinha as coisas que eles sempre perguntavam para o pessoal. Aí ele falou para o outro examinador assim, 'pergunta pra ele uma placa de advertência, pra ver se ele sabe aí', aquelas placas amarelinhas, que ninguém dá atenção pra elas. Eu não sabia nem uma. Aí ele me reprovou. Na hora eu fiquei ali e saí lá de dentro chateado. Mas depois ele falou comigo assim, 'já pensou você tá passando numa estrada, uma ponte caída e você vai cair lá dentro, e a consciência de pai?'. Eu fiquei no Exército um bom tempo, saí com honra ao mérito e nunca fui punido

por nada. Fiquei quase dez anos no Exército, tipo assim, hoje, onde eu trabalho, trabalho na coordenação, baseado nisso na para a conduta. E eu passo isso pra dentro de casa também. Às vezes eles falam que a gente é muito rígido, que é aquilo, tá faltando hoje, assim, vir aqui na reunião de pais, é bem interessante. Porque a gente tem um menino de 15 anos e às vezes numa determinada situação na escola, a gente vê que às vezes a mãe quer culpar a professora por determinada coisa e ela não sabe o que a professora tá vivendo. Tipo assim, são, às vezes, 30, 40 dentro de uma sala de aula e às vezes ela nem ouve a professora falar. Acha que o filho tem razão. O rapazinho lá de casa, a gente tá com um pouco de dificuldade com ele, de chegar pra conversar, até por interferência de pessoas que não teve condição, que viveu de uma determinada situação, que acha que hoje tudo tem que ser do jeito dele, que tá tudo resolvido.

Mãe I – Porque ele foi criado com os avós, até uma certa idade.

Pai A – Quero deixar registrado o meu agradecimento a vocês dessa escola que abriram para a gente conversar e falar dos nossos problemas e dificuldades. A gente sabe que as crianças aqui são bem cuidadas, mas não são só elas que precisam de cuidados. Nós também precisamos e o que fizemos hoje aqui foi muito bom.

ANEXO 2

RELATOS DA SEGUNDA INTERVENÇÃO – 01/07/2019

MOV03168

A palestrante é graduada em Letras e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação (FaE)/ UFMG.

Palestrante: O que vocês pensam sobre a diversidade para a partir daí a gente construir. Eu venho trabalhando com essa temática na formação de professores e professoras porque em geral este tema da diversidade é visto de uma forma ligeira, rasa na formação. Mas no cotidiano quando chegamos na sala de aula percebemos o quanto a gente ainda precisa aprender ou gostaria de conversar com as pessoas, com os professores e formadores e não tive oportunidade. É um pouco isso que fazemos nos momentos de formação. É compreender O que os pais, as mães pensam sobre essa diversidade que encontramos na escola. Quando falamos assim... em geral ouvimos ...Nós todos somos iguais. Nós somos iguais? Não somos. Nem evoluiríamos. A própria biologia fala que é a diversidade é que garante a evolução da espécie, é que garante essa possibilidade de desenvolvimento. Mas nós temos sempre um discurso de igualdade. Nós todos somos iguais. Esse é um discurso que está na lei. A constituição federal nos fala que somos iguais perante a lei. Mas é um discurso usado quando não queremos discutir as diferenças porque somos diferentes: Homens, mulheres, jovens, idosos, brancos, negros, gays, héteros. Há uma diversidade que a escola precisa trabalhar com ela. E aí como vamos trabalhar essa diversidade? Como vocês sugeririam?

Diretora: Antes disso... Essa questão da lei se reportou mais em relação ao direito, iguais perante a lei e a gente acaba falando que todos são iguais. Aí não reconhecemos as diferenças.

Pai 1: No papel é isso. A Constituição de 1988. Não se vê isso no dia a dia. É completamente diferente. Há discriminação, há rejeição, há um monte de coisas que precisam ser mudadas. Isso depende muito dos pais. Primeiro, eu acho que é dos pais pra passar para os filhos, pro filho vir com essa cabeça pra escola. Porque só o professor não consegue mudar isso. Se os pais não tiverem uma boa cabeça para ensinar pra

criança, a criança... por exemplo a criança não gosta de gay. A criança já vem com isso na cabeça imagina pra professora mudar isso na cabeça da criança! A referência da criança é o pai e a mãe. Ela vai falar. Meu pai e minha mãe estão certos, a professora está errada. Depende primeiramente dos pais e depois das professoras.

Palestrante: Sim. Pois não...

Pai 2: Na verdade a gente naturalmente, a natureza do ser humano é ... se ver como diferente. Isso só é possível pra quando a pessoa cresce, a criança começa a se ver como diferente dos próprios pais. É importante que ela se veja diferente, se perceba como diferente para ela conseguir seu espaço dela pra vida inteira desde pequeninha, começa a manifestar suas preferencias, um gosta de arroz, outro gosta de feijão e a gente vai sendo construído e vai se construindo assim com as referências de pai, de mãe , de família. Quanto mais a família tiver a tolerância com as diferenças de seus próprios membros mais fácil é para essa criança ao entrar num outro ambiente ela também reconhecer, aceitar, conviver, participar num ambiente diverso daquele que ela tem em casa. É uma coisa que a gente vê muito também, que as pessoas tem um mito, uma lenda, um plano, vamos dizer assim de que tudo é consensual, a vida é consenso. Todo mundo tem que concordar com tudo, mas na verdade o natural do ser humano é o dissenso. A gente primeiro discorda pra depois ouvir e entender o outro. Então a pessoa quando é formada, quando a criança, o adolescente ele é formado primeiro para se entender como diferente, se aceitar como diferente e também ter tolerância para ouvir o outro, pra ver o limite do outro, o espaço do outro, e aí ele aceitar, divergir de uma forma natural a gente vê muito hoje em dia é que pessoas se perdendo nesse limite de tolerância. A gente tem hoje muita intolerância em qualquer lugar que a gente vai por que? Porque as pessoas estão prisioneiras dessa intolerância isso impede que ele aceite, respeite, conviva com a diferença. Se dentro da família já existe intolerância, o pai prega , a mãe prega eu não gosto de gay, a família é racista eu não gosto de preto, ou eu não gosto de católico porque eu sou evangélico ou eu não gosto de evangélico porque eu sou católico, eu não gosto de umbandista porque eu sou crente e vai por aí afora. Então essas intolerâncias todas quando elas vão para um ambiente aberto, um ambiente público, a escola é um ambiente público elas vão gerar conflito, vão gerar confusão, elas vão gerar uma disputa territorial as vezes de querer impor, empurrar o

outro para fora do espaço público. Discurso monotemático, aqui todo mundo é da minha panelinha, ou seja, essa intolerância empurra os discordantes para fora do espaço de debate, fora do espaço público então acho que dentro da escola temos que trabalhar muito essa questão intolerância. Mas se as famílias não estiverem integradas com isso o resultado não é o suficiente para estabelecer um ambiente de tolerância com a diversidade com a existência do outro, tolerar a diversidade e tolerar, aceitar, viver, conviver com a existência do outro que é diferente de mim.

Palestrante: foram faladas várias coisas aqui que eu gostaria de trazer para a reflexão. Primeiro a gente fala assim: essa é uma responsabilidade da família. E hoje a gente sabe que muitas famílias são diversas também. Tem família só com mãe e filhos, tem família a mãe, a avó com os filhos netos, tem família só com avó e os netos, tios e sobrinhos e aí como fica essa questão de ensinar esses princípios. Essa é uma questão séria, eu não sei qual é a realidade aqui, mas em geral tem sido uma realidade de várias instituições que eu tenho passado, de uma família hoje, ampliada. Em muitos casos nós não temos o pai e a mãe juntos e os filhos. Essa é uma realidade com a qual a escola tem se deparado. Então para pensarmos a diversidade é bom a gente pensar essa diversidade de estruturação familiar porque aí vamos encontrar várias normas, vários pensamentos que são diferentes. Tem a ver com a geração. A forma como minha mãe pensava é bem diferente da forma como eu penso. Não quer dizer que a forma como ela pensava é melhor ou pior era uma forma mais adequada ao tempo dela, algumas questões ela precisava romper...

MOV03169

Mas isso vai sendo de acordo com a estruturação da família. Quando não temos as famílias estruturadas acaba sobrando para a escola uma responsabilidade que é muito grande. Eu trabalho muito com a questão racial, no campo da diversidade a minha questão tem sido a questão racial. Muita gente fala que é bobagem falar dessa temática. Todos nós somos humanos, todos nós somos iguais. Só que quando vamos para o contexto escolar a gente consegue perceber as diferenças e elas vão se tornando mais intensas e muitas vezes a discriminação vem de uma forma muito exacerbada até entre

as crianças pequenas. A hora que eu cheguei aqui observei que a biblioteca se chama Monteiro Lobato. Quem já leu uma obra de Monteiro Lobato?

Eu li todas

Diretora: Eleição

Mãe 1: A leitura que se faz antes, quando éramos pequenas, é completamente diferente do que você tem um outro olhar hoje. Você vê o quanto havia de preconceito existia naquela época, tem hoje, é chocante nos livros percebermos o fato tão explícito assim.

Palestrante: Pois é. Quando lemos Monteiro Lobato, vários livros, *Reinações de Narzinho*, *Caçadas de Pedrinho* que ele fala lá da tia Anastácia, as referências à Tia Anastácia são sempre pejorativas, ela era a negra como carvão, ela é a feia, ela é a que tem a boca grande, quer dizer fazendo esse processo de leitura sem uma análise crítica sobretudo das crianças enquanto elas estão nesse processo de formação, toda vez que elas se deparam com uma criança negra elas podem assimilar porque elas não têm essa questão crítica. E como a gente reage, como a gente age, como a gente orienta? E esse processo de orientação é muito interessante porque a gente vai muitas vezes para um lado que a gente vê... quando o senhor fala assim “a gente precisa tolerar “eu gostaria de problematizar esse tolerar. Porque tolerar pressupõe que eu ou aquilo que eu acredito está acima dos demais. Então eu vou tolerar que o Monteiro Lobato falou que a tia Anastácia é feia, é preta e não sabe fazer as coisas. Quer dizer eu tolero isso. Mas quem tolera está numa posição de superioridade ou pelo menos se pensa numa posição de superioridade em relação aos outros.

Pai 2: Eu não quis dizer nesse sentido... O meu conceito de tolerância é o conceito de Jhon Loke.

Palestrante: Eu vou chegar nessa questão. Em geral, a ideia de tolerância que a gente ouve, no senso comum, no cotidiano é esse: “eu tolero o que a Carla fala” não é um conceito, uma compreensão mais filosófica. Aí quando ficamos no senso comum, muitas vezes esse senso comum possibilita a continuidade da discriminação e a gente vê essa discriminação acontecendo no cotidiano. Na semana passada eu estava numa atividade lá em Recife, eu fui trabalhar com as professoras e as professoras falaram assim: na

minha escola nós não temos problemas por discriminação racial. Todas as crianças são tratadas da mesma maneira. Aí eu brinquei com elas e falei: “é difícil tratar todo mundo da mesma maneira. A gente quando tem dois, três filhos a gente não trata da mesma maneira em casa, não é?” A gente tem formas de falar com um de uma forma, porque as vezes um é mais bravo, outro é mais tranquilo, um é mais brigão, a gente vai adaptando o jeitinho. Também na escola isso acontece. E aí ela dizia: “nós tratamos todas as crianças da mesma maneira e aqui não tem discriminação” E aí eu perguntei pra ela, estava na semana de São João, todas as crianças dançaram quadrilha? Aí uma falou assim: “na minha turma sim.” Ai duas falaram: “na minha turma não”. Quem não dançou quadrilha? Eu perguntei. Ai uma falou assim: “três crianças não quiseram dançar na minha turma. Ai eu perguntei: Porque que elas não quiseram dançar? Não sei, não quiseram. Eu falei qual é o perfil racial dessas crianças? Coincidentemente eram negras. Eu falei e você não se interrogou? Porque uma das questões sérias é que as crianças já internalizam desde muito pequenas as discriminações. Se o pai, se a mãe, se o tio, se a vó, se já tem alguma situação de discriminação , ele pode não dizer pra criança, mas ela internaliza no cotidiano, ela vai vendo como o pai reage, ela vai vendo como o pai trata por exemplo o manobrista, o moço do posto de gasolina, a empregada que trabalha na casa, as pessoas, o lixeiro que passa na rua. Ele pode não falar de discriminação, mas os gestos, as falas dele vão denunciando e vão mostrando esta compreensão de mundo. E as crianças, elas captam muito isso. Ai quando eu ia dizia isso pra professora, ela disse que não havia se preocupado o porquê de as crianças não quererem dançar. E aí várias professoras negras falaram: “na minha época eu não dançava quadrilha porque não tinha gente pra dançar comigo.” Isso já me aconteceu de não ter colega pra dançar quadrilha. Esta é uma prática da discriminação racial que continua existindo até hoje. E a gente precisa compreende-la nesse contexto do que as vezes falamos que é a diversidade, mas dentro da diversidade a gente vai ver determinados grupos que vão sendo sempre excluídos, sempre discriminados. E as crianças negras estão nesse grupo. Elas enfrentam muitas vezes essas formas de discriminação que algumas vezes ou muitas vezes a escola não observa. A escola acha que são situações comuns. Hoje é muito comum falar de Bullying.

Pai 3: Eu tenho um amigo. Eu tenho 42 anos e faz 35 anos que somos amigos. Ele foi criado dentro da minha casa. Ele é negão, grandão. A gente é amigo, trabalha junto, faz tudo. Quem é de fora da minha família é negão e meu filho o chama de tio. Tio Daniel, eu ensino para o meu filho assim. As amigas da minha esposa perguntaram se ele é parente do Rogerio. E eu disse que ele é mais que meu irmão, foi criado junto comigo. Meu filho o chama de tio.

Diretora: Quando você falou a questão da quadrilha eu achei que você fosse reportar a questão da religião. Que é uma coisa que vem nos incomodando e que a gente vem fazendo essa discussão, mas não conseguimos chegar a um consenso. Que realmente tem crianças que não dançam por uma orientação da família que não se sente bem e não quer que a criança participe.

Professora 2: Mas na Educação Infantil é diferente. Não tem quadrilha. Não é dança de par. Todos participam. É uma dança geral.

MOV03170

Diretora: Na educação infantil não percebemos preferências das crianças.

Coordenadora: Eu já percebi. Eu trabalhei numa escola em certa ocasião fizeram um cartaz de diversidade com várias figuras, vários biotipos de pessoa. Eu passando para ir para sala com minha turma de educação infantil, aí uma das meninas virou pra uma criança japonesa e falou: “essa eu acho bonita e essa eu não gosto” que era uma criança negra e essa criança também era negra. E ela não se identificou como tal. Mesmo ela sendo negra ela não achava bonito. E uma outra ocasião também foi em brincadeiras. As crianças estavam brincando de repente uma criança falou: “agora só vai brincar os brancos, os negros não vão brincar”. Achei muito pesado para uma criança de cinco anos.

Coordenadora: Lógico que interferi. Eu disse que íamos brincar todos juntos.

Professora: A gente fica chocado porque é tão pequeno. Você vê que é uma coisa que não vem da criança, vem da família. Infelizmente.

Palestrante: Mas é o que estávamos dizendo. As aprendizagens da criança em casa, muitas vezes, ela vai absorvendo, ela observa, ela observa como o adulto em casa que é referência para ela como ele age, como ele acolhe, como ele as vezes fala determinadas situações sobre uma ou determinadas pessoas, quais são os traços fenotípicos dessas pessoas. As crianças são observadoras. Elas vão de certa forma incorporando estas questões. Elas incorporam. Tem uma pesquisa de uma professora chamada Eliane Cavalleiro que ela investigou crianças em berçário e em UMEIS lá nos anos 90. Ela observou que as crianças no berçário eram tratadas de maneira diferenciada em função da cor da pele. Quando as crianças brancas choravam, em geral, as atendentes da creche, se dirigiam ao bercinho, colocavam o bico na boca, de uma maneira muito mais rápida do que acontecia quando as crianças eram negras. Então já começa aí uma dificuldade do cuidado, do carinho. As crianças negras, elas falam muito mais de uma falta de carinho dos adultos. Quando você fala de uma criança observa a outra e fala que é bonita ou é feia. Tem um vídeo, não sei se vocês já viram na internet que são crianças observando duas bonecas. Uma criança observa a boneca branca e a boneca negra. Ai pergunta: “Qual é bonita?” ela aponta a branca. Qual é feia? Ela aponta negra. “qual você acha que merece carinho?” Ela aponta a branca. “Qual que não merece carinho?” Ela aponta a negra. E aí pergunta: “com qual você se parece?” ela aponta a negra. Ela está falando da dimensão de carinho que ela recebe menos, ela está falando da dimensão de uma estética, que muitas vezes vamos cultuando sem nem observar. Não é o caso desta escola, mas por exemplo, eu já fui em escola que todos os cartazes eram de crianças brancas. E aí numa população que é majoritariamente negra, se você tem todos os cartazes de crianças brancas, as crianças negras vão estar representadas onde? Quando trabalhamos as histórias, quando pegamos a história da Cinderela, sempre com muitos adjetivos, por isso hoje temos trabalhado com a literatura negra que traz uma referência positiva também para as crianças negras. Porque os livros antigos de Monteiro Lobato falavam o que eu já disse. Os livros das mais belas histórias traziam um outro referencial de beleza. Não é um referencial de beleza de um cabelo crespo, não é um referencial de beleza de uma pele negra e isto normalmente a gente acha que não tem uma informação por traz que as crianças não percebem. E elas percebem. Assim como elas percebem toda a materialidade da escola. Quando temos bonecas brancas e bonecas negras, você diz na escola que é importante ter essa referência. Que

tanto os negros quanto os brancos têm direitos, então é importante a materialidade refletir esse cotidiano que está na sociedade que a escola precisa incorporar. A gente quando olha por exemplo: livro de princesas aí todo mundo vai para o mesmo modelo padrão de princesa. Tem princesas negras. A escola trabalha com essas princesas negras? Aqui tem.

Professora 1: Eu tenho uma mala literária com livros de personagens negros para o trabalho com a crianças. Para valorizar as atitudes dos personagens. Para não ver a pessoa negra como a faxineira. Eu trabalho com livros e figuras, imagens com pessoas negras, cabelos crespos. Eu percebo que as próprias criança negras não procuram esses livros.

Pai 3: Isso é o que as novelas colocam para a sociedade. Porteiro, faxineira, empregada é o papel negro, a protagonista é a branquinha de olhos azuis.

Professora 1: Muitas vezes negros são até doutores na educação, mas são confundidos e parados na portaria pela sua cor. Eu comecei a fazer esse trabalho, fiz o curso do EPIR na UFMG, fiz o curso de relações étnico raciais na ISMED, me preparando para este trabalho. Eu sou branca e tenho esse privilégio, mas vejo a dor que as crianças negras sofrem e isso dói em mim. Aprofundar e me preparar para os desafios na escola. Isso me levou a fazer o curso para lutar em prol das crianças que sofrem e são marcadas pelo preconceito. Tenho procurado não me calar frente ao preconceito.

Mãe 2: A mesma coisa eu falo com a minha filha que estuda aqui. Um dia ela chegou em casa chorando porque uma coleguinha disse que não gostava dela por ela ter o cabelo liso e ser branca. Sabe quando você fica até sem reação? Quem foi? É uma menina da sala que é escurinha....

MOV03171

Continuação da fala da mãe: Foi uma forma dela se expressar. Alguém falou de gente branca, cabelo liso é chato, mostra pra ela que você não é, que você é uma menina bacana. Você vê inverteu um pouco a situação, eu falei pra ela: “não fique assim” é uma

forma que a outra que está na situação, o ambiente que tá na situação. A forma dela reagir. E eu não vou mentir pra você ela sentiu.

Palestrante: Em geral, algumas pessoas trazem relato como você trouxe, de uma pessoa branca, cabelo liso que sofreu, agora isso não é o cotidiano, isso é um caso. Agora para as crianças negras o cotidiano é de discriminação.

Diretora: é um histórico né?

Palestrante continua: É um histórico de negação de direitos, é um histórico de discriminação, é um histórico de invisibilidade e de apagamento da sua cultura e da história familiar. Quando a gente fala disso, é muito sério, como eu disse dessa pesquisa, de um bebe que era menos acarinhado por ser negro e essa situação vai se repetindo das mais diversas formas. Há três meses eu recebi uma imagem de uma criança de uma escolar particular de Belo Horizonte das mais elitizadas com a seguinte atividade: imagem de duas famílias uma família branca e uma família negra. Falando assim: marque a família feliz. Olha...esse exercício foi completamente inadequado. Você não mede felicidade por causa da cor da pele, traço racial e formato familiar. Perguntas: Isso existe ainda? Existe ainda. Quando falamos que a diversidade deve ser refletida pela escola é nesse sentido, que somos diferentes e que essa diferença não pode servir para nos discriminar e nem para nos hierarquizar. A outra questão como você falou, a questão do tio, seu filho chamar uma pessoa negra de tio. Em geral isso é uma construção que você faz com a sua família, mas isso não é uma regra geral. A gente está falando aqui do que temos majoritariamente percebido na sociedade brasileira. Então esse lugar social construído pelos negros ele sempre foi creditado pelos negros, sempre foi dito pelos negros que o negro não foi passivo diante do processo de escravização. Os negros sempre reagiram com formas muito potentes, mas a sociedade que faz esse processo de invisibilização. Os negros que vieram para o Brasil, eles não eram escravos, eles foram escravizados. Isso é um processo social, cultural, e precisamos ensinar para as crianças que os negros que vieram para cá eram os que tinham maior competência lá na África, os que tinham maior conhecimento de tecnologia, tecnologias diversas de mineração, de construção. Quando olhamos para uma igreja barroca por exemplo construída a 300 anos e ela está de pé hoje o que é isso senão um conhecimento que

os negros trouxeram porque foram eles que construíram essa igreja. E muitas vezes a gente não evidencia isso.

Mãe 1: Na verdade a gente nem aprende assim. Aprendemos que foram os portugueses colonizadores

Palestrante: Mas se os portugueses não faziam este trabalho por ser trabalho braçal e até hoje são. Como que foram eles? A gente nem questiona isso. Então quando ensinamos para as crianças, tanto para negras quanto para brancas que toda essa construção do Brasil foi feita por pessoa africanas, escravizadas, mas que eles tinham todo um conhecimento, a gente começa a mudar a estrutura mental de que os negros são capazes. Uma outra coisa que eu fico refletindo é sobre o bullying. Fulano sofreu bullying, Beltrano sofreu bullying. As crianças sofreram bullying e a gente precisa fazer a distinção entre o bullying e a discriminação racial. Ambos são violências ambos são discriminação. Mas a discriminação racial ela é uma coisa que perdura. Por exemplo o menino sofreu bullying. Fulano é muito magro ou muito gordo. O magro pode engordar, o gordo pode emagrecer, mas quem é preto vai continuar preto. Então a gente precisa ter essa compreensão do que é a diferença do bullying para a discriminação racial. A discriminação racial tem um processo de longa duração, ela tem um passado histórico que alcança não só essa pessoa, mas toda a sua ancestralidade. Todos os seus antepassados, a minha avó, a minha mãe, eu e o meu filho, vamos ser taxados da mesma forma por causa da cor da pele.

Diretora: Não adianta pensarmos que não. A coisa tá tão impregnada na gente, que ...pra mim, não vem ao caso, mas ao mesmo tempo tem hora que a gente não percebe o que tá falando. Tá impregnado na gente. Você cresceu ouvindo os chavões, as frases. Por exemplo quando Carla fala “eu tenho privilégio” a gente já caminhou muito, eu acho que a gente caminhou bastante em relação ao tema da diversidade, mas temos muito para caminhar. O preconceito está impregnado nas frases, no que falamos. A gente faz o tempo todo, repete as coisas e nem percebemos.

Palestrante: Mas a gente precisa parar e perceber.

Diretora: Sim. Claro

Palestrante: A gente precisa parar e perceber e este momento é o momento que estamos parando e percebendo que a gente tem que provê uma educação que seja de fato uma educação que inclua todos mas observando o direito de todos e o direito de ser diferente. Esses momentos que paramos para refletir, a gente fala assim: “eu preciso incluir”. Mas de que maneira? O que eu modifico no meu cotidiano? Se eu mudar um cartaz na escola e trazer imagem de crianças negras, as outras crianças negras vão se ver representadas, vão ver um cartaz diferente, outras podem até rir, por não ser comum. Mas aí o professor vai ficar atento e refletindo com essas crianças. A materialidade da escola, os demais profissionais da escola, porque as vezes cobramos ações só de quem está na sala de aula, mas e os demais profissionais da escola eles também estão parando, refletindo? Eles também são educadores. Como é o cotidiano deles para pensar as questões raciais?

Professora 1: Eu estava trabalhando o corpo humano e levei uma imagem de uma mulher negra para mostrar como ela era bela, com um cabelo crespo, tom de pele, com um belo sorriso, uma referência positiva de uma pessoa negra. Um aluno disse que estava parecendo com a mãe de uma colega de sala. Eu percebo que foi um pouquinho só, mas faz diferença.

MOV03172

Diretora: Eu percebo que a rede tem um olhar cuidadoso nessa área. Eu tenho 23 anos de rede, uma caminhada que vai se construindo e é muito dentro disso. Discutindo a nossa prática, com os professores e discutindo com as famílias. A gente vai crescendo.

Mãe 1: A diferença que faz estudar, compreender. Isso faz muita falta no dia a dia da escola.

Diretora: é interessante que quando um professor apresenta projetos e vai apresentando você vai “contaminando” influenciado os colegas.

Professora 1: O que eu tenho percebido nessa pequena caminhada na diversidade é que professoras negras têm feito melhor o trabalho delas, elas têm se empoderado para

mostrar que a diversidade existe sim e que as pessoas precisam ser acolhidas. Então professoras têm pegado essa luta para elas. Com empoderamento mesmo e disposição.

Diretora: Não com discurso pelego de que todos são iguais e por aí fica. Reconhecer as diferenças e especificidades de cada um.

Pai 2: Eu tenho uma experiência de vida com o preconceito desde muito pequeno, fui criado com mãe e vó. Minha mãe separou do meu pai quando eu tinha dois anos de idade. Naquela época era uma coisa muito difícil, mulher desquitada criar os filhos. Mas na família da minha mãe sempre houve uma abertura muito grande para tratar das pessoas de forma mais próxima, mais perto dos filhos. Tanto minha mãe como a minha avó era muito religiosa daquelas ordens de Maria, Sagrado coração de Jesus. Na época da Semana Santa havia procissões na cidade onde a gente morava e a minha avó comandava uma dessas irmandades. Então na casa da minha vó, nesta época, as pessoas vinham da roça, as pessoas majoritariamente, pessoas negras que trabalhavam na roça, a casa da minha vó era o ponto de referencia para encontro, para ir à procissão, pra arrumar, pra tomar banho, para se alimentar. Então, todo mundo que vinha que da roça ia pra casa da gente e muitas vezes eles também dormiam no bar com a gente pois a procissão acabava muito tarde 10:30, !!:00 da noite pra voltar para a roça naquele tempo, era muito difícil. Então a gente aprendeu a conviver com esta diversidade racial desde pequeno. Eu sou branco, sou bisneto de judeus portugueses por parte de pai e na família da minha mãe tem pessoas de ascendência indígena, a minha avó mesmo era descendente de índio Puri. Dentro da minha casa, depois de adulto a gente sempre cultivou muito essa questão de não ter preconceito de nenhuma espécie. Nem religioso, nem racial, nem político, a gente sempre quis ter uma casa aberta, uma família aberta. No meu primeiro casamento tenho três filhas. A mais velha tem duas meninas que são loiras de olhos verdes, puxaram o lado da família do meu pai que era português de olhos claros. Minha avó paterna era loira de olhos azuis. A gente tem esse encontro, essa fusão racial muito próxima da gente, na família. Minha esposa atual, meu filho estuda aqui, minha esposa é negra, e a gente vive muito bem, somos felizes. Nós enfrentamos muito preconceito por causa disso por ser um casamento interracial e também por causa da diferença de idade. Porque eu sou muito mais velho do que ela. Então nós enfrentamos esse preconceito quase todo dia. Quando a gente sai na rua, sai com o

Heitor. O Heitor é branco, puxou mais para o meu lado. Várias e várias vezes pessoas olhavam para a gente e vendo esse velho com uma moça novinha. Será que é filho dele, será que ela é babá? Já passamos várias vezes por esse constrangimento porque ela é negra e ele é branquinho.

MOV03173

Palestrante: Você traz vários elementos. Essa coisa da diversidade...

Pai 2: A diversidade no meu filho é maior porque ele é autista. Então além de ter uma mãe negra ele também é autista.

Palestrante: A diversidade é muito maior.

Pai 2: Ele vai enfrentar uma barra pesada pra lidar com estas duas coisas. Então a gente já propõe isso desde sempre. A família da mãe dele, a minha esposa, ela é muito acolhedora com ele. Ele é muito bem acolhido pelos tios, adora os tios. O avô dele que é negro é a paixão dele. Ele adora o avô dele. Ele chama o avô dele, porque o avô dele é meio barrigudinho assim, ele chama o avô dele de vovô pig. Mas quando o avô dele vem aqui pra consultas médicas, do interior para cá, ele dorme lá em casa, o Heitor faz questão de dormir na cama do avô. Ele é apaixonado com o avô dele, adora o avô. Então de certa forma eu acho que como o autista não tem essas maldades, ele não incorpora muito isso, são ingênuos, são muito puros. Ele vai passar batido com esses preconceitos de cor e raça, agora o preconceito contra ele pelo autismo vai ser uma batalha feroz a vida inteira que a gente vai ter. Não vai ser fácil. Aqui na escola ele é muito bem acolhido. A gente gosta demais do tratamento aqui. Foi muito bem recebido, é muito bem tratado. A galera toda de professores e funcionários tratam nosso menino muito bem, não tem essa questão de discriminação dentro da escola com ele. Os coleguinhas o adoram, gostam na hora da chegada de subir pra sala com ele de mãos dadas, mas a nossa vida, tanto a minha quanto a da Clarisse, foi lutando contra todo tipo de preconceito. Graças a Deus eu fui criado numa condição em que desde pequeno, dentro da casa da minha mãe e da minha avó, esse respeito, essa abertura, esse acolhimento para as pessoas

sempre existiu independente da cor da pele, fomos ensinados a receber todo mundo bem a não negar um prato de comida a quem batesse na nossa porta.

Palestrante: Pois é! Mas essa é uma questão particularizada. Nós estamos falando no coletivo e no coletivo não é assim. Por exemplo você falou aprendeu não negar um prato de comida a quem batesse na nossa porta. Qual o perfil racial da maioria das pessoas que ainda precisam de um prato de comida do outro?

Pai 2: O negro.

Palestrante: Então pensar isso socialmente, politicamente, culturalmente para entendermos a necessidade de políticas públicas por exemplo que alcance a todo mundo, que dê a todo mundo condições de viver com dignidade, porque todas as pessoas têm direito. E aí voltando para o campo da Educação, hoje temos uma lei, a lei 10639/03 que fala que as escolas, todas as escolas, desde a educação infantil até as universidades, elas têm que incluir nos seus currículos, nas suas atividades, nas suas brincadeiras a história e a cultura africana e afro brasileira pra que todas as crianças cresçam conhecendo um pouco mais dessa história e não só faça essa referência dos negros como escravizados porque essa história de negros como escravizados que a escola vai reiterando todo ano, ela de certa forma garante a persistência desses estereótipos, desses estigmas, dessas discriminações. E para as crianças brancas é muito cômodo, a história delas é refletida o tempo inteiro nos livros didáticos. Quando pegamos os livros com certeza vai ter criança branca, nem todos os livros vai ter criança negra. Pra que isso aconteça, no Brasil foi necessário a criação dessa lei que é de 2003. E a gente enquanto família, a gente precisa estar atento a isso. Isso é bom para as crianças negras que vão se ver refletidas de outra forma nos livros e na materialidade, mas é bom também para as crianças brancas porque elas vão aprender a ter um outro olhar. Esses processos de aprendizagem, eles são construtivos para todas as pessoas sejam elas brancas ou negras. Eu trouxe um livro que chama “Este é o meu cabelo” Eu gosto muito deste livro porque quando a gente lê as pessoas negras já vão se identificando. Algumas pessoas brancas falam assim, olha nunca parei pra pensar que o cabelo fosse motivo de discriminação. Cabelo é uma coisa fundamental principalmente para nós mulheres, não é? Nós aprendemos desde muito cedo que o cabelo bonito é o

cabelo liso. Por isso muitas de nós passamos por processos dolorosos de alisamentos, não é? As mães, as avós, as tias falavam: “tem que alisar, tem que alisar o cabelo” era uma forma muitas vezes de nos proteger das discriminações que íamos sofrer. E a questão que eu digo hoje. O problema não é alisar o cabelo, o problema é a gente não ter a referencia de que o cabelo que a gente tem, cabelo crespo, é um cabelo condizente com a nossa raiz, com a nossa história de descendência africana.

Pai 2: Isso é uma coisa tão séria. Eu tenho uma estagiária que é negra. Ela ia trabalhar com o cabelo todo alisado. Ela é bonita uma moça muito bonita mesmo. Aí eu perguntei pra ela: Porque você alisa o cabelo assim deste jeito? Era muito produto químico que ela passava e isso faz mal para sua saúde. Conversando com ela, até que ela resolveu parar de alisar o cabelo. Aí ficou mais ou menos um mês e meio sem alisar o cabelo, com o cabelo natural, cacheado. Era bonito o cabelo dela. Passou um tempo, ela voltou a alisar. O que aconteceu? O pastor falou que não é bom eu ficar com o cabelo daquele jeito.

Palestrante: Se é uma escolha da pessoa alisar ou não, aí é o critério dela, mas por causa de outros é complicado. Voltando a este livro. Quem realmente pode se dar ao luxo das suas vantagens e branquitude de nunca ter pensado nessa questão do cabelo? Quem tem cabelo liso. Porque para nós que temos o cabelo crespo, isso sempre é uma questão. Eu me lembro quando meus irmãos eram mais jovens, minha mãe sempre falava menino tem que ter o cabelo cortadinho, raspadinho, não sei o que... não é porque era bonito, mas era para a polícia não confundir com bandido. Porque não tem uma coisa assim ah esse cabelo!! Hoje em dia é o contrário. Os meninos com cabelo Black cada vez maiores, com dreds e tal, eles também sofrem uma pressão externa pelos agentes de segurança. Cabelo para nós negros e negras sempre foi uma questão séria. O cabelo na educação infantil, no ensino fundamental sobretudo, o cabelo crespo, quantas vezes já ouvimos comentários de mães assim, aquele menino deve ter piolho que o cabelo é assim e não assado. Acha que o cabelo crespo vai ter piolho. Esta é uma coisa recorrente e aí trazer este debate da questão do cabelo é uma forma da gente ir reconfigurando o olhar para o cabelo e as questões raciais dos coleguinhas. Eu acho isso importante.

MOV03174

Pai 3: Não sei qual a cidade, no Paraná. Eles estão implantando nas escolas lá o militarismo. Aí teve uma polemica porque os negros com cabelo Black Power e não podiam porque tinha que cortar o cabelo se não, não podia estudar. E era escola municipal. Estão reprimindo a pessoa de ser o que ela é. Aí ela vai ter que cortar o cabelo, se enquadrar para ficar na escola. Aí tá tendo um processo sobre isso lá. Algumas famílias estão entrando porque a pessoa é livre pra ir e vir e usar o cabelo como quer. Ela não entrou pra polícia não, não fez concurso, eles já querem na escola municipal todos de cabelo cortadinhos e penteadinho. O prefeito quer implantar esse processo lá.

Palestrante: Mas esta é uma questão muito séria. Mas essa é uma questão dentro desse processo de mudanças todas, dessas últimas mudanças propostas pelos atuais governos de um processo de militarização das escolas. Parece que em Brasília, Distrito Federal, algumas pessoas acham que trazer essa forma de educação mais militarizada é conferir uma educação de qualidade. Quer dizer, isso é questionável. Eu tenho um amigo que é policial e não coloca os filhos dele na escola de polícia porque a carga é pesada.

Palestrante leu um livro de história: Este é o meu cabelo.

Vou essa história. Este é o meu cabelo. Tem uma capa. A África está enraizada na minha cabeça traz-me alegrias e desafios como é travessa. Fica grudado em mim. Pelo por pelo. Sim, este é o meu cabelo. Explica: Então esse cabelo é o que remete a nossa origem. Toda a questão do cacheado, e aí lembrando que o cabelo tem toda a questão dos anéis do cabelo, é para a proteção do couro cabeludo, do sol quente do lá solo africano. Então essa construção do cabelo bom ou cabelo ruim é uma noção construída pelo racismo. As teorias raciais lá do século XIX que diziam isso e aí essa coisa foi se repassando.

Mãe 1: Até porque podemos fazer uma diferenciação dos povos que moram nos topos de neve, que são brancos, brancos, brancos e não dão conta de ir para uma África, não ficam por causa do sol demais, a mesma coisa é o contrário também, o negro vai sofrer muito por causa do frio. É questão de adaptação. Tanto que o protetor solar, você já tem proteção solar 15, na sua pele e a gente tá começando do zero.

Palestrante continua com a história: Ele é a África em mim, não o recuso jamais. Quando me olho no espelho, vejo um povo lindo e forte demais. Abra bem os olhos para vê-lo. Sim, este é o meu cabelo. Explica: Então o cabelo aí, cabelo destrançado, cabelo todo cheio dos anezinhos.

Palestrante: A história continua... Entre nós não há desacordos, só sei dele me orgulhar. Minha mãe grita empolgada, nem precisa de pente, você vai arrasar. Ele sempre está bonito, só muda o modelo. Sim, este é o meu cabelo.

Explica...para as crianças, elas vão vendo formas. Primeiro o cabelo solto, aqui o formato de uma coroa, aqui o cabelo solto com um enfeite.

Quando vem a chuva não me preocupo, até o vento ele desafia, minha dúvida é se uso preso ou solto. Qual fica melhor na fotografia? Pra mim é só Sim este é o meu cabelo. Não sonho com ele liso e nem escorregadio gosto do jeito que é cuidado bem dele fio por fio. Nunca precisei de força e nem de.....Sim este é o meu cabelo

Explica: Esta coisa de cuidado com o cabelo é uma coisa que também está muito enraizado nas pessoas que por usar trança ou por usar Black, a gente cuida menos do cabelo. Algumas pessoas me perguntam assim: “Você lava?” Óbvio que eu lavo. Já me perguntaram várias vezes.

Pai 4: Me perguntam quase todos os dias. Uai, eu tomo banho

Palestrante Te perguntam quase todos os dias? Que dizer você lava? Isso é um absurdo. Mas as vezes, isso que estamos falando de processos de naturalização. As vezes as pessoas nem param para pensar em quanta ignorância. Essa coisa de pensar no cabelo de cuidado com o cabelo. Eu uso shampoo, eu uso condicionador, eu uso tudo. Eu lavo meu cabelo. Isso é uma coisa! E aí imagina isso na cabeça de uma criança? Aquele ali não lava não deve ter piolho. Gente isso acontecia comigo quando eu estava na escola. Porque você não arruma seu cabelo? Já me perguntaram na faculdade de educação. Porque você não arruma seu cabelo? Meu cabelo está arrumado. Está trançado. Eu to falando de arrumar. Arrumar o que? Qual é o seu conceito de arrumar, o imaginário de arrumar?

Mãe 1: Alisar. Porque você não alisa seu cabelo?

Palestrante: Nada contra quem quer alisar. Se for uma opção da pessoa.

Mãe 1: Às vezes não é opção, é imposição. Ela se sente obrigada.

Palestrante: A história continua... Vejo nele tanta beleza, olha só que lindeza! Pra quem dele rir, dou de ombros e daí? Ele me deixa linda e eu trato com zelo. Sim, este é o meu cabelo!

Palestrante consegue dizer: “e daí? “Mas e quando é criança? Ela vai internalizando aquilo e vai sofrendo, chora, fica triste, vai se achando inferior e as vezes se nega até a participar das atividades na sala de aula.

Palestrante conta a história: Ele vem dos meus ancestrais, é motivo de orgulho. Tem gente que dele debocha isso é preconceito, mero barulho. Não conseguem respeitá-lo, e entende-lo. Sim este é o meu cabelo. Reconheço nele a minha história, não dáse o deixo livre mas ele se fortifica gosto dele por inteiro. Sim, este é o meu cabelo! Vou deixa-lo crescer bastante e bem à vontade. As pessoas que dele riem será por inveja ou por maldade ou por pura dor de cotovelo. Sim, este é o meu cabelo! Não deixem que o chamem de juba e muito menos de moita. Ando com ele solto, sinto-me feliz e afoita. Ai, eu gosto tanto de tê-lo. Sim, este é o meu cabelo. Ele combina com o tom pastel ou com uma roupa colorida, faço penteados diferentes e fico feliz da vida. Orgulhosa por tê-lo. Amo muito o meu cabelo!

Palestrante explica: Então essa coisa do cabelo ela é fundamental. Vejam bem quantas coisas suscitam do cabelo. São estas questões que podemos conversar com as crianças, que a gente pode orientar as crianças e que a gente pode , enquanto adultos também, desnaturalizar alguns pensamentos, alguns preconceitos, algumas construções que já vem de longa data que foram feita por causa desse racismo e que agente enquanto adulto, enquanto profissional, enquanto pai, enquanto mãe, enquanto avós, enquanto tios precisamos desnaturalizar. Fico por aqui e agradeço.

MOV03175

Diretora: O que temos que pensar o tempo todo é na nossa prática mesmo. Não no nosso discurso. É a prática. Não adianta a gente ficar assim tem que gostar de todo

mundo. Não é por aí! É a prática mesmo. Igual tudo que a Yone tem colocado. Estar atento ao material que você utiliza, as histórias que você conta, a forma como você divide os grupos, como você proporciona brincadeiras e faz mediação de uma maneira de prática mesmo. De estar vivenciando a todo tempo as diferenças sem que seja voltado para conceitos. A nossa sociedade ela conceitua demais. Acho que nunca falamos tanto em diversidade, diferença e existe tanto gueto e divisão.

Palestrante: É interessante o que você está dizendo das práticas, como eu disse, as coisas vão ficando tão naturalizadas que a gente vai repetindo sem parar para pensar e as vezes a gente fala ou dá determinado reforço para uma atitude ou para uma discriminação sem avaliar. Por exemplo: O menino fala assim: “professora o menino tá me chamando de feio.” A gente fala assim: “não liga não, você não é feio não.” Quer dizer, você não problematiza. Mas porque você está chamando-o de feio, porque ele é feio e você é bonito? Não liga não, deixa pra lá.

Diretora: A gente faz isso o tempo todo. Aquele negócio da gente falar assim: “Fala com ele que você não gostou.” Como se isso adiantasse.

Palestrante A gente precisa parar e ver o que a criança está dizendo. Parar e conversar. Se a gente quer construir processos educativos precisamos fazer isso.

Diretora: prática reflexiva.

Palestrante: Meu filho tinha 9 anos e estudava numa escola municipal. Ele sempre me falava: “mãe fulano me discrimina, tá me incomodando, ele fala que eu sou feio, ele sempre falava e eu ia orientando meu filho e eu falava, “conversa com a professora”. Aí teve um dia que o menino se sentou atrás dele e começou a falar: “preto feio, preto feio. Ele virou pra traz e deu um soco no menino. Só que aí, ele deu um soco no menino e o menino chorou e fez aquele estardalhaço. Aí pronto, quando eu fui buscá-lo na escola, os colegas vieram correndo falando que o Vitor estava de castigo e que só ia sair quando você for na diretoria. Cheguei na diretoria aí perguntei para a professora: “os meninos estão falando que o Vitor está de castigo?” A professora disse:” Ele bateu no colega dele.” então deixa eu conversar com meu filho. Filho o que que aconteceu? Mãe, sabe aquele menino que eu sempre falo com você, que ele sempre me discrimina? Eu sempre falo com a professora e a professora não faz nada? Hoje eu não aguentei e bati nele sim.

Aí eu falei com a professora: “cadê o outro menino?” Ele já foi embora. Pois então eu vou levar meu filho embora. Eu queria conversar com os dois aqui perto. A professora disse: “Mas ele bateu no menino.” E eu falei: “Mas e o processo de discriminação que ele vinha sofrendo? Porque tem determinados sofrimentos que eles não produzem sangue, eles não produzem lágrimas naquela hora, mas eles vão ficando, e ficando, e em que medida nós estamos reforçando este sofrimento do cotidiano. Então precisamos repensar a nossa prática.

Diretora: É uma negação. São dilemas do dia a dia que a gente vai deixando. Isso é muito forte.

Palestrante: É bom ter outras crianças. A briga é natural e precisamos intermediar e conversar.

Avó: Meu netinho de seis anos ele é revoltado de ser preto. Ele fala assim: “Por que minhas duas irmãs são brancas e eu sou preto, por que?” Ele é revoltado. Eu falo com ele: “Porque as meninas puxaram o pai e você puxou a mãe. Sua mãe é morena igual você.” Ele disse: “eu não queria ser preto não, eu não queria ser preto não.”

Palestrante: Ele já está vendo que ser negro nessa situação é motivo de discriminação. É conversar com ele de que ser negro não é ser inferior, ele tem a mãe, ele puxou a mãe. Olha como sua mãe é bonita! Então, dizer dessa questão de ser belo. É importante e a gente não é visto como belo. Na escola sempre aparece a questão do lápis de cor. Lápis cor de pele, que inferno! Na minha época não tinha nada disso não. Depois foi criando essas coisas, mas hoje já tem. Um caixa de lápis de cor com vários tons de preto, vários tons de marrom. E a gente precisa ir mostrando que cada um tem um tom de pele. Mas isso não quer dizer que ele vai ser feio ou que ele é feio.

Avó: Eu não quero ir pra escola porque eu sou preto, eu não vou não. Ele já é revoltado com as meninas irmãs dele.

Palestrante Quando acontecer a senhora tem que vir a escola para conversar. A escola precisa conversar isso. Esse momento que a gente pára para conversar com mãe, com vó, com pai, com tio, com quem é responsável. É por isso. A família ao perceber essa situação, ela precisa vir a escola conversar porque é um direito do menino ser acolhido

na escola. A educação é um direito. Um direito fundamental, é um direito humano. E aí, a escola não tem condição de saber tudo o que está acontecendo, mas quando a senhora perceber esta situação conversa com a professora. De que maneira a professora pode ir trabalhando nisso? É bom dizer, é bom informar.

Avó: Vai ter reunião. Eu tô esperando ter reunião dele pra eu falar.

Diretora: A reunião nem é um bom momento. Ela trata de coisas gerais. É melhor marcar com a professora. As vezes a escola não percebe. É importante a família falar.

Palestrante: É bom dizer. Não pode deixar de dizer. É bom informar porque as crianças vão sofrendo e vai se acumulando.

ANEXO 3

Entrevista com a Diretora da EMEI

Dia 2/8/2019

Professora: O objetivo principal das nossas reuniões com os pais é dar a eles conhecimento e possibilidades de uma interação melhor com a escola e também é fortalecer as famílias e as crianças. Como você como diretora da escola vê esta proposta de Escola de Pais não só para este trabalho que eu estou fazendo, mas para uma continuidade para os próximos anos para nos encontrarmos regularmente com os pais para conversarmos sobre problemas e desafios?

Diretora: De uma forma mais abrangente, né? Para além do tema que foi trabalhado. A Escola de Pais é uma proposta mesmo da nossa gestão. Tanto eu como a Andreia, enquanto coordenadora geral, a gente teve essa bandeira de trabalhar a partir dessa dinâmica da Escola de Pais acreditando muito nessa questão da construção de aprendizagem mesmo, a partir de discussão dos temas, de temas variados. Então, pra gente é fundamental no sentido de que, além dos temas a gente tem construído também, o alcance do projeto político pedagógico, ele foi todo trabalhado a partir da escola de pais junto com acessórias contratadas. Então assim, sempre foi uma dinâmica muito importante para a gente. Quando você encontra parceiro, para desenvolver junto, isso vem somar. Isso para nós melhorou muito. Principalmente agora, antes tínhamos mais acesso com a verba do projeto de ação pedagógica (Papi) a gente ainda tinha mais possibilidade de acessar algum formador de determinada área que a gente achasse interessante, ajudava, mas agora não temos mais essa verba, a gente não trabalha mais esse projeto de ação pedagógica. E quando você chega com essa proposta para nós aqui da escola têm ajudado muito.

Professora: E você acha que esse tipo de atividade fortalece o relacionamento das famílias com a escola?

Diretora: Com certeza. Com certeza. Fortalece muito. Primeiro porque você vai fazer uma proposta de trabalho embasada numa dinâmica e numa realidade conhecendo a sua comunidade escolar. Conhecendo a demanda das suas famílias, conhecendo a

realidade de cada um. Por exemplo quando você vem discutindo as relações étnico-raciais, a questão da diversidade, que veio a Yone aqui, teve aquele trabalho conosco. As famílias trazem questões que muitas vezes a escola desconhece, é ali que passamos a conhecer. Principalmente falando da EMEI Manacás estamos com uma demanda para esta gestão de fortalecer mais essa discussão no que se refere a inclusão e diversidade porque ficou essa lacuna no nosso Projeto Político Pedagógico (PPP). A gente vai ter que refazer o nosso PPP e apresentar de uma maneira mais aprofundada esta questão. Pra gente foi muito bacana nesse sentido.